

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**JOHN OF SALISBURY E O LIVRO VII DE SEU *POLICRATICUS*:
O CETICISMO DE UM CLÉRIGO MEDIEVAL**

André Luiz Carneiro Ortegal

**Brasília
2023**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

André Luiz Carneiro Ortegal

**JOHN OF SALISBURY E O LIVRO VII DE SEU *POLICRATICUS*:
O CETICISMO DE UM CLÉRIGO MEDIEVAL**

Monografia apresentada ao Departamento de
Filosofia como requisito parcial para obtenção de
título de bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Guy Hamelin

**Brasília
2023**

André Luiz Carneiro Ortegal

**JOHN OF SALISBURY E O LIVRO VII DE SEU *POLICRATICUS*:
O CETICISMO DE UM CLÉRIGO MEDIEVAL**

Monografia apresentada ao Departamento de
Filosofia como requisito parcial para obtenção de
título de bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Guy Hamelin

Aprovado no dia: ___ / ___ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Guy Hamelin

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes

À minha família
Aos meus professores
Ao Porchat

*“É sempre melhor o impreciso que embala do que o certo que basta,
Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não basta,
E nada que se pareça com isto devia ser o sentido da vida...”*
(Álvaro de Campos, *A Casa Branca Nau Preta*)

“La escolástica pecó al pretender convertir al cristiano en un sabelotodo. El cristiano es un escéptico que confía en Cristo.”
(Nicolás Gómez Dávila. *Escolios a un texto implícito, verbete 1299*)

“It ain't what you don't know that gets you into trouble. It's what you know for sure that just ain't so.”
(Mark Twain)

“É a busca da verdade e não a sua posse que dá valor à Filosofia.”
(Karl Jaspers)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso aborda o pensamento de John of Salisbury acerca do ceticismo acadêmico, tal como se encontra apresentado no Livro VII de sua obra *Policraticus*. Tida como fonte da mais extensa discussão desenvolvida pelo autor sobre essa escola helenística, seria o Livro VII a passagem na qual se apresentaria a visão desse clérigo inglês do século XII, sedizente cético e profundamente influenciado por Cícero, no tocante à doutrina filosófica introduzida na Academia de Platão no século III a.C.. Decomposto em duas partes, o presente estudo se ocupa inicialmente de considerações gerais a respeito do ceticismo, para logo em seguida apresentar a fundamental dicotomia que desmembra essa linha filosófica em suas versões pirrônica e acadêmica. Essa última, imortalizada na obra de Cícero, é particularmente importante por lhe fazer referência John of Salisbury, no Livro VII de *Policraticus*. Após, discorre-se concisamente sobre *ecos* do ceticismo de Cícero ao longo da Idade Média, com vistas a realizar a necessária transição para a segunda parte do trabalho, dedicada propriamente ao ceticismo de John of Salisbury. Principiada com digressões sumárias a respeito de elementos biográficos do pensador ora estudado, tal segunda parte do trabalho logo avança a uma apresentação da obra *Policraticus*, para então se ocupar mais extensamente da principal finalidade do presente estudo, qual seja, conhecer o ceticismo de John of Salisbury, notabilizado, no escopo do Livro VII de *Policraticus*, pelos valores da moderação, humildade e prudência epistêmica. Ao final da monografia, são registradas, à maneira cética, algumas *conclusões transitórias*, por ora alcançadas ao final do estudo realizado.

Palavras-chave: John of Salisbury, ceticismo, filosofia medieval, *Policraticus*,

ABSTRACT

This final paper addresses John of Salisbury's thinking on Academic Skepticism, as it is presented in Book VII of his work *Policraticus*. Considered as the source of the most extensive discussion developed by the author on this Hellenistic School, Book VII would be the excerpt in which this English cleric from the twelfth century, a self-considered skeptic deeply influenced by Cicero, would present his thoughts regarding the philosophical doctrine that was introduced into Plato's Academy in the 3rd century BC. Divided into two parts, this study is initially concerned with general considerations about skepticism, and then presents the fundamental dichotomy that breaks down this philosophical line into both its versions, Pyrrhonic and Academic. The latter, immortalized in the work of Cicero, is particularly important, since it is the one John of Salisbury refers to in Book VII of *Policraticus*. Afterwards, echoes of Cicero's skepticism throughout the Middle Ages are concisely discussed, in order to make the necessary transition to the paper's second part, dedicated specifically to John of Salisbury's skepticism. Beginning with brief digressions on biographical elements about the philosopher under study, this second part of the work soon advances to a presentation of the work *Policraticus*, to then deal more extensively with the main purpose of the present study, that is, to know the skepticism of John of Salisbury as it is presented in Book VII of *Policraticus*. At the end of the monograph, some transitory conclusions, reached at the end of the study, are registered in a skeptical way.

Keywords: John of Salisbury, skepticism, medieval philosophy, *Policraticus*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CETICISMO	16
2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	16
2.2 DICOTOMIA FUNDAMENTAL.....	18
2.3 O CETICISMO NA IDADE MÉDIA: ECOS DE CÍCERO.....	25
3 CETICISMO EM JOHN OF SALISBURY	29
3.1 JOHN OF SALISBURY: O CÉTICO MEDIEVAL.....	29
3.2 POLICRATICUS: LIVRO VII.....	32
3.2.1 A obra e sua relevância para a compreensão do ceticismo de John of Salisbury.....	32
3.2.2 Livro VII e o ceticismo de John of Salisbury: moderação, humildade e prudência epistêmica.....	34
4 CONCLUSÕES TRANSITÓRIAS	50
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

1 INTRODUÇÃO

Assim como talvez ocorra a quase toda pesquisa acadêmica, o presente trabalho de conclusão de curso também resulta de uma combinação de fatores cujas origens são tão díspares entre si quanto o são as meras predileções pessoais do autor e as gratas coincidências entre sua trajetória universitária e a fortuita descoberta de lacunas no estudo do objeto de sua monografia.

Antes de culminar na investigação de curioso e relevante aspecto do pensamento de um clérigo medieval nascido na cidade inglesa de Salisbury, as raízes das quais germinou este trabalho se nutriram do encantamento do autor pelas reflexões de um filósofo brasileiro que discorreu sobre filosofia helenística, particularmente sobre uma de suas escolas cuja exuberância talvez se encontre injustamente ofuscada pela atual celebração das congêneres epicurista e, sobretudo, estoica.

Eis, portanto, o primeiro fator relevante ao advento da presente monografia: a visão do autor – à semelhança do pensamento helenista – de que a filosofia serve a propósito muito maior do que proporcionar ao indivíduo mero diletantismo cerebrino. Dentre as inestimáveis virtudes das principais escolas helenísticas, certamente uma das mais importantes consiste em apresentar a filosofia como uma busca transformadora de vida, um projeto terapêutico que oferece a seus praticantes uma proposta para uma vida boa, harmoniosa e tranquila. Pois como teria dito Epicuro, são vãs as palavras do filósofo que não sejam capazes de medicar o sofrimento humano¹.

Não se deve, claro, ignorar a existência de certa visão tradicional, que remonta à época de Hegel, tendente a depreciar a filosofia do período helenístico, por considerá-la de segunda categoria em comparação com as obras de Platão e de Aristóteles². Porém, tampouco se pode desconhecer que na antiguidade tardia era comum considerar as quatro escolas de filosofia – platônica, aristotélica, estoica e epicurista – como equivalentes em prestígio e autoridade entre si, tendo todas elas a mesma estatura filosófica quando cotejadas umas em relação às outras³.

Obviamente, porém, a filosofia helenística constituiria tema demasiadamente amplo para que dele se ocupasse um trabalho acadêmico de porte modesto, a exemplo da presente monografia. Necessário se fez então realizar mais um ajuste no foco da pesquisa, a fim de se obter maior grau de especificação do objeto a ser estudado no âmbito do helenismo. E nesse

¹ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2018, pp. 9, 10 e 32; e CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia: as escolas helenistas, v. II*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018, p. 11.

² SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, pp. 1 e 2; e CHAUI, Marilena. *Op. cit.*, pp. 12 a 21.

³ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, pp. 1 e 2.

movimento reside o segundo fator importante para o surgimento do presente trabalho: a predileção pessoal do autor pelo ceticismo, tal como lhe foi apresentado na obra de Oswaldo Porchat, saudoso filósofo e professor brasileiro, cuja incomensurável relevância para a formação deste pesquisador e para o próprio tema ora pesquisado exorbita os limites singelos do presente trabalho⁴.

Demais disso, consagrar ao ceticismo um trabalho de filosofia parecia ainda mais apropriado em tempos hodiernos, notabilizados pela intolerância, pelo obscurantismo e pela ameaça da tirania. Afinal, o ambiente natural do ceticismo é uma sociedade democrática, pluralista e tolerante, em cujo seio a diversidade cultural convive pacificamente. Céticos repudiam o autoritarismo, ambiente no qual a imposição de única linha de pensamento tolhe a liberdade necessária ao exercício de reflexão crítica⁵.

E havia ainda, no contexto de tal segundo fator justificativo, um detalhe eminentemente pessoal, relacionado à curiosidade do autor deste trabalho pela tradição oriental, que o levou inclusive a cursar a disciplina de filosofia oriental e posteriormente a descobrir laços embrionários entre ceticismo e essa tradição. A origem do ceticismo revela a influência do Oriente, cabendo mencionar particularmente a importância das interações entre gregos e gimnosofistas – os filósofos nus – e magos da Índia, que incutiram no pensamento cético a indiferença à “*vaidade das coisas humanas*”⁶. Aliás, Diógenes Laércio afirmaria que a própria filosofia de Pirro – sobre o qual ainda se discorrerá – foi desenvolvida como resultado de seu encontro com os citados indianos⁷.

Ceticismo, porém, ainda que fértil e merecedor até mesmo do apreço e da admiração manifestada por filósofos de escolas rivais⁸, seguia sendo campo de estudo excessivamente amplo. Suas origens retrocederiam aos pré-socráticos, quiçá a Homero e ao período heróico, estendendo-se até a contemporaneidade, perpassando época notoriamente prolífica, como o renascimento e o início da modernidade. Era necessária especificação ainda mais precisa.

⁴ SILVA, Oswaldo P. de A. P. da. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2007; SMITH, Plínio J. *Uma visão céptica do mundo: Porchat e a filosofia*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017; NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000, pp. 119 a 144.

⁵ SMITH, Plínio J. *Ceticismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 5.

⁶ BROCHARD, Victor. *Pirro e o ceticismo primitivo*. Trad. Jaimir Conte. In: *Revista Litterarius*, v. 13, nº 1, 2014, pp. 14 e 15.

⁷ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, 2018, pp. 209 e 210.

⁸ *Ibid.*, p. 195.

Foi quando ocorreu ao discente cogitar o percurso histórico do ceticismo. Afinal, “*se é desejável que todos os homens cultos saibam algo sobre a história do pensamento filosófico, [...] quão mais não será desejável para todo devotado estudante de filosofia*”⁹.

Eis então o terceiro fator originador da presente pesquisa: conhecer mais detalhes da história do ceticismo, buscando especialmente explorar eventuais omissões. Não sendo a história uma ginasta acrobata, incapaz de executar saltos olímpicos no itinerário cronológico de sua narrativa, parecia razoável suspeitar que hiatos ocasionais na trama descritiva dos acontecimentos significariam apenas percepções ilusórias dos historiadores. Silenciada por algum vazio imaginário no encadeamento dos fatos, talvez subjuzesse a motivação que uniria períodos históricos aparentemente desconectados entre si.

Algo semelhante também se deveria verificar na história do pensamento, notadamente na história da filosofia, para cujo desenlace são necessários desenvolvimento lógico e interconexão entre os sistemas filosóficos¹⁰. Pois “*a história da filosofia certamente não é um amontoado de opiniões, uma narração de dados de pensamento isolados sem nenhuma conexão entre si*”¹¹. Diferentemente, “*há continuidade e conexão, ação e reação, tese e antítese, e nenhuma filosofia pode de fato ser compreendida em sua inteireza a menos que seja vista em sua situação histórica e à luz de sua conexão com outros sistemas*”¹².

O que se poderia então dizer da história do ceticismo? O que falar dessa corrente filosófica radicada no período helenístico e cujos ramos se projetam até a filosofia da contemporaneidade? Haveria lapsos em sua crônica? E se os houvesse, poderiam estar situados, por exemplo, no período medieval? Afinal, se muito se conhece do ceticismo antigo e moderno, pouca atenção parece ser destinada ao fato de que o ceticismo foi uma problemática também presente na Idade Média¹³.

Pouco custou localizar quem defendesse a necessidade de se reescrever a história do ceticismo¹⁴. Particularmente acerca da Idade Média, afirma-se que a história do ceticismo nesse período histórico ainda precisa ser escrita¹⁵. Principalmente porque evidências insinuariam que

⁹ COPLESTON, Frederick. *Uma história da filosofia, v. 1: Grécia, Roma e filosofia medieval*. Trad. Augusto Caballero Fleck, Carlos Guilherme e Ronald Robson. Campinas: Vide Editorial, 2021, p. 20.

¹⁰ *Ibid.*, p. 13.

¹¹ *Ibid.*, p. 20.

¹² *Ibid.*

¹³ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism: The Missing Medieval Background*. Leiden / Boston: Brill, 2010, p. vii.

¹⁴ *Ibid.*, p. 1.

¹⁵ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Paris: Les Belles Lettres, 2013, p. 11.

o ceticismo na Idade Média teria surgido em grande parte sem a influência de fontes antigas, mas apenas enfatizado por renovado interesse nelas¹⁶.

Demais disso, numerosas outras razões convergiam para o estudo da filosofia medieval. Primeiramente, sabe-se que a Idade Média foi um período vital para a formação do pensamento ocidental, de modo que não pode ser ignorado caso se queira realmente compreender o desenvolvimento da filosofia até os dias atuais¹⁷. Apenas para citar exemplos da modernidade, não se consegue verdadeiramente entender as filosofias de Descartes, de Malebranche, de Leibniz e de Spinoza sem conhecer Santo Agostinho e os grandes escolásticos medievais¹⁸.

Aspecto adicional a ser considerado em favor de tais conclusões reside na própria periodização da história da filosofia. Basta lembrar, por exemplo, que usualmente se atribui à filosofia medieval o período aproximado de 500 a 1500 – cerca de mil anos. E se for levado em conta que a filosofia ocidental mais antiga data mais ou menos de 500 a.C. – perfazendo, portanto, quase 2.500 anos de reflexões filosóficas até os dias atuais! –, tem-se que a filosofia medieval ocuparia cerca de 40% de todo esse tempo, correspondendo ao dobro de todo o período moderno e contemporâneo¹⁹.

No tocante ao aspecto qualitativo das reflexões empreendidas, a filosofia do período medieval teria sido praticada de forma mais ampla, mais vigorosa, com uso sofisticado da lógica e em elevado nível técnico, como jamais havia sido ou viria a ser²⁰. E mais: foi estudada em quatro diferentes tradições, tendo sido escrita por muçulmanos, cristãos e judeus em árabe e persa, além de também em hebraico partir do século XIII. Geograficamente, a filosofia medieval se estendia da Irlanda ao Uzbequistão²¹.

Do ponto de vista pessoal, consagrar um trabalho acadêmico, ainda que modesto, ao estudo da filosofia medieval, além de expressar alinhamento a uma tendência iniciada no primeiro quarto do século passado, a partir do qual se verifica notável crescimento do interesse pela filosofia medieval²², significaria ainda um gesto de resistência individual contra certa visão caricata da filosofia medieval, por vezes considerada, de forma preconceituosa, não

¹⁶ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism*. *Op. cit.*, p. 27.

¹⁷ GILSON, Etienne. Prefácio. MAURER, Armand A. *Medieval Philosophy*. 2ª ed. Toronto, Ontario, Canada: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1982, p. xxi.

¹⁸ MAURER, Armand A. *Medieval Philosophy*. *Op. cit.*, pp. xv e xvi.

¹⁹ MARENBNON, John. “What should you know about Medieval Philosophy”. In: *The Philosophers’ Magazine Archive*, Disponível em: <<https://archive.philosophersmag.com/what-should-you-know-about-medieval-philosophy/>>. Acesso em 4 de março de 2022.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*

²² MAURER, Armand A. *Medieval Philosophy*. *Op. cit.*, p. xv.

propriamente uma filosofia²³, em virtude de temas nucleares de seu repertório apresentarem alguma relação com a religião²⁴.

Enfim, do ponto de vista histórico, goste-se ou não, a filosofia medieval integra a formação do pensamento ocidental. Ignorá-la nos torna incapazes de entender a história de nosso próprio pensamento²⁵ e da própria natureza da filosofia²⁶.

Mas investigar o ceticismo na filosofia medieval seguiria sendo tema ainda muito vasto. Cogitável ajuste no escopo da pesquisa poderia consistir no estudo da obra de algum cético medieval ou de um pensador cujas reflexões contivessem elementos da filosofia cética ou exibissem algum aspecto cético a ser explorado. Encontrar semelhante figura não seria trivial, mas tampouco se poderia considerar inalcançável essa meta.

Deveras, há estudos sobre ceticismo medieval a identificar vestígios que, senão diretamente originados dessa escola helenística, ao menos lhe são correspondentes. E não apenas na filosofia ocidental, mas também na filosofia islâmica, na filosofia judaica, bem como na tradição oriental. Adotando esse prisma, há pesquisas que investigam, por exemplo, o pensamento de filósofos como Agostinho, Henri de Gante, João Duns Escoto, Guilherme de Ockham, Nicolau de Autrecourt, Jean Buridan, Al-Ghazali, Maimonides, representantes do Jainismo e outros mais²⁷.

Desse elenco de pensadores, logo emergiu a figura de John of Salisbury, um clérigo inglês cuja menção despertou imediata curiosidade no autor do presente trabalho. Isso se deveu não somente a sua estreita relação com o ceticismo²⁸, mas também por sua reputação um tanto anedótica, notabilizada por certa polêmica defesa do tiranicídio²⁹ e por coincidências históricas tais como ter tido seu pensamento invocado justamente por Fidel Castro em célebre defesa jurídica³⁰.

²³ MARENBNON, John. “What should you know about Medieval Philosophy”. *Op. cit.*

²⁴ MARENBNON, John. “Why study Medieval Philosophy”. In: VAN ACKEREN, Marcel; KOBUSCH, Theo and MÜLLER, Jörn. *Warum noch Philosophie?: Historische, systematische und gesellschaftliche Positionen*. Berlin / Boston: De Gruyter, 2011, pp. 74 e 75.

²⁵ NASCIMENTO, Carlos A. R. do. *O que é Filosofia Medieval*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992, p. 76.

²⁶ MARENBNON, John. “What should you know about Medieval Philosophy”. *Op. cit.*

²⁷ BOLYARD, Charles. “Medieval Skepticism”. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2021 Edition), Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/skepticism-medieval/>>. Acesso em 22 de julho de 2022; BRITO, Rodrigo P. de. *Pirro e Índia, similaridades entre o Pirronismo e o Jainismo*. Alétheia - revista de estudos sobre Antiguidade e Medievo, v. 1/2, jan./jul., 2011, pp. 55-63; MACHUCA, Diego; REED, Baron. *Skepticism: from antiquity to the present*. New York: Bloomsbury, 2018.

²⁸ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism*. *Op. cit.*, p. 10.

²⁹ SILVA, Lucas. D. *O Direito de Resistência Civil e o Tiranicídio em João de Salisbury*. Veritas (Porto Alegre), 64 (3), 2019.

³⁰ RUZ, Fidel Castro. *A história me absolverá*. Trad. Pedro Pomar. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 94.

Além de semelhantes particularidades biográficas e históricas, sobressaía ainda o fato de que John of Salisbury vivera durante o século XII. Militava, portanto, em favor da escolha por torná-lo objeto da presente pesquisa o relevante fato de que esse pensador vivera exatamente no período reconhecido pela expressão de Charles Homer Haskins, a saber, a *Renascença do século XII*³¹.

Entre os anos 1100 e 1200, a Europa Ocidental foi tomada por grande afluxo de novos conhecimentos. Árabes eruditos trouxeram a lume o pensamento de médicos gregos, assim como as obras de Aristóteles, Euclides, Ptolomeu, sem falar na nova aritmética e em textos de direito romano que permaneceram ocultos durante a alta Idade Média³².

Esse contexto proporcionou o surgimento das universidades medievais, redundando no desenvolvimento de novas e variadas técnicas de produção agrícola, aumento populacional, florescimento comercial e deslocamento das escolas para centros urbanos, ligando-se a catedrais, sobretudo a Notre-Dame de Paris, mas também a outras dioceses, como Chartres, por exemplo³³.

O próprio John of Salisbury chega a descrever a prosperidade do cenário da época. Em carta endereçada ao Bispo Thomas Becket, o remetente retrata a Paris de 1164, destacando “a abundância de víveres, a alegria das pessoas, a consideração de que gozam os clérigos, a majestade e a glória de toda a Igreja, as diversas atividades dos filósofos”³⁴. “O Senhor está aqui, e eu não sabia” – teria dito John³⁵.

Na época, à parte a escola de Abelardo, havia pelo menos mais dois ilustres centros educacionais, a escola de São Vitor, fundada por Guilherme de Champeaux na abadia agostiniana de São Victor, em Paris, e a escola de Chartres, anexada à famosa catedral de mesmo nome. Essa última despertava grande interesse filosófico, dado que nela se cultivava não apenas o *trivium* (gramática, retórica e lógica), mas particularmente o *quadrivium*, incluindo aritmética, astronomia, geometria, música e ainda teologia³⁶.

Além de centro da aprendizagem clássica, Chartres foi também a sede do humanismo cristão no século XII³⁷. Considerada uma das mais notáveis escolas de artes liberais, distinguia-se ainda pela presença de professores renomados e outras figuras relevantes, dentre as quais se

³¹ HASKINS, Charles H. *A Ascensão das Universidades*. Trad. Nilton Ribeiro. Santa Catarina: Livraria Danúbio Editora, 2015, Edição Kindle.

³² *Ibid.*, pos. 248, n.p.

³³ *Ibid.*, pos. 240, n.p.

³⁴ NASCIMENTO, Carlos A. R. do. *O que é Filosofia Medieval*. Op. cit., pp. 31 e 32.

³⁵ *Ibid.*, pp. 31 e 32.

³⁶ MAURER, Armand A. *Medieval Philosophy*. Op. cit., p. 71.

³⁷ *Ibid.*, pp. 71 e 72.

poderia citar justamente John of Salisbury, o principal humanista da região naquela época³⁸, tendo sido aluno de Abelardo e de Guilherme de Conches³⁹.

A essa altura já não havia mais dúvidas: John of Salisbury – referido assim mesmo, com grafia em inglês – seria objeto do estudo que ora se apresenta. A pesquisa se ocuparia particularmente de aspectos de seu pensamento relacionados ao ceticismo, resultantes da influência que sofreu de Cícero e que mais tarde o levou a desenvolver versão própria de ceticismo acadêmico⁴⁰.

De todo modo, tendo John of Salisbury composto mais de uma obra de interesse filosófico – não apenas *Policraticus*, mas também *Metalogicon* e *Entheticus de Dogmate Philosophorum*⁴¹ –, seria necessário algum ajuste complementar no escopo da pesquisa, com vistas a estreitar ainda mais o foco da investigação. E seria necessário levar em conta ainda a dificuldade adicional imposta pela ausência de traduções de suas obras em língua portuguesa, conforme se verifica da bibliografia coligida pelo Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval de São Paulo (Cepame)⁴².

Porém, entre ambas as mais célebres de suas composições – *Metalogicon* e *Policraticus* –, sabe-se que justamente a segunda constitui obra de filosofia moral e política fundamentada num ceticismo tido por moderado e ciceroniano⁴³. Aliás, na esteira da literatura secundária, ocorre em *Policraticus* a mais extensa discussão desenvolvida por John of Salisbury sobre o ceticismo da Academia⁴⁴.

E no bojo de *Policraticus*, tem-se que seu Livro VII é justamente a parte na qual se concentram as digressões de John of Salisbury acerca de sua visão do ceticismo. É nessa passagem de sua célebre obra que John discorre sobre a virtude propedêutica do ceticismo, assim como analisa os limites necessários da dúvida⁴⁵.

Encontrava-se delimitado, portanto, objeto condizente com uma pesquisa da estatura de uma monografia de conclusão de graduação. O estudo que ora se inaugura ficaria circunscrito ao ceticismo segundo a visão apresentada por um pensador medieval em determinado trecho de uma de suas obras clássicas.

³⁸ HASKINS, Charles H. *A Ascensão das Universidades*. *Op. cit.*, pos. 365, n.p.

³⁹ *Ibid.*, pos. 749-757, n.p.

⁴⁰ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism*. *Op. cit.*, p. 10.

⁴¹ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. “John of Salisbury”. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, p. 1.

⁴² Disponível em: <<https://cepame.fflch.usp.br/listas-bibliograficas>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2023.

⁴³ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury*. *Op. cit.*, p. 4.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 10.

⁴⁵ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, pp. 38 e 39.

Mas para se alcançar essa finalidade, é primeiramente necessário dedicar algumas palavras ao próprio ceticismo. Dele se ocupará, portanto, a primeira parte desta monografia, na qual se formularão considerações gerais acerca dessa escola helenística, para logo em seguida se apresentar a fundamental dicotomia que desmembra o ceticismo em suas versões pirrônica e acadêmica.

Conhecer a distinção entre ceticismo pirrônico e acadêmico é importante por mais de um motivo, mas principalmente porque John of Salisbury se refere apenas à vertente acadêmica, imortalizada na obra de Cícero. Aliás, os *ecos* do ceticismo de Cícero ao longo da Idade Média serão objeto do sucinto terceiro tópico dessa primeira parte do TCC, na expectativa de que assim seja pavimentada a necessária transição para a segunda parte do trabalho, dedicada propriamente ao ceticismo de John of Salisbury.

Principiada com digressões sumárias a respeito de elementos biográficos de John of Salisbury, tal segunda parte do trabalho logo avança a uma apresentação da obra *Policraticus*, para então se ocupar mais extensamente da principal finalidade do presente estudo, qual seja, conhecer o ceticismo de John of Salisbury, assim como se o apresenta em seu Livro VII.

Ao final da monografia, como não poderia ser diferente para um trabalho dedicado ao ceticismo, serão registradas algumas *conclusões transitórias*, por ora alcançadas no estudo realizado.

2 CETICISMO

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Uma definição possível de filosofia se traduz em considerá-la atividade vocacionada à descoberta ou à revelação da verdade. A consequência é que discursos filosóficos se notabilizariam pelo caráter dogmático. Ou seja, veiculariam teorias nas quais são enunciadas afirmações ou são asseridas verdades acerca do mundo, pretensamente imunes à refutação.

O ceticismo, porém, embora também ele próprio constitua expressão da filosofia, distingue-se do conjunto discursivo que compõe a atividade filosófica. Diferentemente de seus congêneres, o ceticismo não é formado por afirmações teóricas sobre o mundo. Tampouco aspira à condição de autoridade reveladora da verdade.

O atributo nuclear do ceticismo reside na postura crítica em face do dogmatismo alheio. O cético desconfia dos ímpetos entusiásticos do *logos*, nos quais frequentemente vislumbra senão arrogância, precipitação ou mero desconhecimento.

Para o ceticismo, a investigação circunspecta, cautelosa e despida, tanto quanto possível, da soberba e da impaciência tende a revelar que teses filosóficas de origens distintas e de diferentes matizes podem ser mutuamente confrontadas, cada qual exibindo, ocasionalmente, igual força persuasiva, de modo que o resultado proporciona apenas a neutralização recíproca de discursos rivais.

A incapacidade, portanto, de se consagrar vitoriosa uma das teses que se antagonizam na arena dialética finda por repentinamente provocar no agente cognoscente a suspensão do juízo. O ceticismo desvelaria a precariedade da suposta garantia de que se conheça aquilo que se alega conhecer. De modo geral, para um cético genuíno – talvez extremo – nada se sabe, não se tem certeza de coisa alguma, tampouco se sabendo com plena segurança que nada de fato se saiba.

Nesse contexto, é importante esclarecer que o cético não controverte acerca das aparências que vivencia nem de fenômenos que lhe sejam inequívocos. Diferentemente, é aquilo que lhe escapa à percepção fenomênica, apresentando-se obscuro e oculto, o que desperta sua hesitação:

Nenhum cético duvida de seu próprio pensamento. O cético reconhece que é dia, que ele vive, que vê claramente. Não contesta que tal objeto lhe parece branco, que o mel lhe parece doce. Mas o objeto é branco? O mel é doce? Eis o que ele não sabe. Ele ignora tudo o que não aparece aos sentidos; não nega a visão; mas não sabe como ela se efetua. Sente que o fogo queima, mas ignora se está em sua natureza queimar. Um

homem está em movimento ou morre; o cético concorda com isso. Mas como isso se dá? Ele não sabe.⁴⁶

Amiúde incompreendido, não faltou quem, apesar de sua inquestionável e merecida respeitabilidade acadêmica, houvesse colaborado, talvez involuntariamente, para robustecer visão distorcida e até mesmo caricata do ceticismo. Já se afirmou, por exemplo, que, “*enquanto os estóicos e epicúrios viam na ciência ou conhecimento positivo um meio para alcançar a paz de espírito, os cétricos buscavam atingir a mesma meta através do repúdio do conhecimento, isto é, através do ceticismo, o oposto da ciência*”⁴⁷.

O ceticismo genuíno, porém, em cuja raiz etimológica se encontra justamente σκέψις (“*investigação*”) jamais postulou, absolutamente, o “*repúdio do conhecimento*”. Mesmo que se admita que a origem dessa linha filosófica, “*para não se deixar envolver nas redes da erística*”⁴⁸, houvesse exibido certo desentusiasmo com a “*vã ciência de seu tempo*”⁴⁹, mesmo assim não se tratava, de modo algum, de uma manifestação de “*repúdio do conhecimento*”.

O que o ceticismo de fato sempre expressou é alguma indiferença ou certo desinteresse pela θεωρία pura e simples, desprovida da correspondente πράξις. Ou talvez seja até mais apropriado afirmar que o ceticismo sempre exortou certa leveza espiritual que somente a humilde compreensão das próprias limitações cognitivas pode proporcionar ao agente cognoscente em sua busca eternamente inconclusa pela descoberta da verdade.

A ideia básica das hipóteses cétricas reside no enigma causal de nossas percepções. Por existirem numerosas hipóteses explicativas do que realmente percebemos, enquanto não se excluirmos todas menos uma das alternativas cogitadas pelo cético, não se pode afirmar nada com certeza. “*Em vez de dizer ‘Isto é assim’, devemos dizer ‘Isto é assim para mim’ ou ‘Isto talvez seja assim’*”⁵⁰.

Aliás, a própria ideia de julgamento é sensivelmente problemática para o cético. Pois o itinerário justificativo, quando percorrido em sentido contrário, implica uma regressão ao infinito. E qualquer interrupção no trajeto de retorno ao ponto originário significa parar em um lugar qualquer, tido por evidente e de dispensável justificativa. Ou seja, reflete uma decisão arbitrária, dogmática ou necessariamente circular.

Nesse contexto, é oportuno rememorar os modos de suspensão do juízo aos quais se referiam os pensadores cétricos:

⁴⁶ BROCHARD, Victor. *Pirro e o ceticismo primitivo*. *Op. cit.*, pp. 4 e 5.

⁴⁷ COPLESTON, Frederick. *Uma história da filosofia*, v. 1. *Op. cit.*, p. 401.

⁴⁸ BROCHARD, Victor. *Pirro e o ceticismo primitivo*. *Op. cit.*, p. 10.

⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁰ COPLESTON, Frederick. *Uma história da filosofia*, v. 1. *Op. cit.*, p. 401.

Os céticos mais recentes elaboraram os seguintes cinco modos de suspensão do juízo: o primeiro é o do desacordo; o segundo, da regressão ao infinito; o terceiro, da relatividade; o quarto, da hipótese; e o quinto, da circularidade. O do desacordo é aquele segundo o qual encontramos, tanto na vida comum, quanto entre os filósofos, um conflito insolúvel sobre os assuntos em questão, em virtude do qual somos incapazes de escolher ou rejeitar algo e acabamos em suspensão do juízo. O da regressão ao infinito é aquele segundo o qual dizemos que o que é oferecido em apoio para crer em alguma coisa precisa ele próprio de um apoio, e assim até o infinito, de sorte que não temos um ponto inicial que sirva para estabelecer algo, e segue-se a suspensão do juízo. O da relatividade é, como dissemos antes, aquele segundo o qual o objeto externo aparece dessa ou daquela maneira em relação ao sujeito que julga e aos objetos observados juntos com esse, mas suspendemos o juízo sobre como é em sua natureza. Usamos o da hipótese quando os dogmáticos, forçados à regressão ao infinito, começam com algo não estabelecido, mas simplesmente o assumem sem demonstração. O da circularidade é usado quando o que deveria sustentar o objeto investigado precisa do apoio do objeto investigado; assim, sendo incapazes de assumir um para estabelecer o outro, suspendemos o juízo sobre ambos.⁵¹

Em suma, aqueles que se afiliam a tal linha de pensamento originado no helenismo assim se enxergam:

[...] dão a si mesmos o nome de zetéticos porque buscam sempre a verdade; de céticos, porque examinam sempre sem jamais encontrar; de eféticos, porque suspendem sempre seu juízo; de aporéticos, porque estão sempre incertos, não tendo encontrado a verdade.⁵²

É assim que se acredita deva ser interpretado o ceticismo: como uma maneira de mostrar que a pretensão filosófica por um conhecimento metafísico da realidade ou pela revelação da plena verdade sobre o mundo é provavelmente – ou “*talvez seja assim*” – impossível, inalcançável ou de ocorrência indiscernível caso venha a de fato se manifestar.

2.2 DICOTOMIA FUNDAMENTAL

O alvorecer histórico do pensamento cético remonta à Antiguidade. E não apenas porque filósofos, biógrafos e doxógrafos helenísticos amiúde busquem legitimar suas filosofias por meio da referência a ancestrais notórios, tidos por avalistas intelectuais da escola filosófica em questão⁵³. No caso específico do ceticismo, por exemplo, ninguém menos que o próprio Homero é invocado como autor de enunciados céticos, ainda que parcialmente⁵⁴.

⁵¹ SMITH, Plínio J. *Ceticismo*. *Op. cit.*, p. 48.

⁵² BROCHARD, Victor. *Pirro e o ceticismo primitivo*. *Op. cit.*, p. 4.

⁵³ BRITO, Rodrigo P. de. *Quadros conceituais do ceticismo anterior a Sexto Empírico*. Prometeus - filosofia em revista, Universidade Federal de Sergipe, ano 6, n. 12, jul./dez., 2013, pp. 122 e 123.

⁵⁴ *Ibid.*

Deveras, Diógenes Laércio noticia que alguma medida do ceticismo já se insinua não somente em Homero – o qual nunca teria afirmado algo dogmaticamente –, mas também em vários de seus pósteros, tais como os Sete Sábios, Arquíloco, Eurípedes, bem como Demócrito, Xenófanes, Zenão, Empédocles e Heráclito⁵⁵.

Tais pensadores costumam ser referidos como *protocéticos*, por antecederem Pirro. E quanto ao próprio Pirro – sobre o qual se discorrerá mais adiante –, as reflexões suas e de seus associados são conhecidas como *primeiro pirronismo* ou *pirronismo primitivo*. A fase imediata é justamente o *ceticismo acadêmico*⁵⁶.

No escopo do presente trabalho de conclusão de curso, muito embora não se desconheçam taxonomias outras, que abrangem diferentes manifestações do ceticismo, como suas vertentes dialética e empírica⁵⁷, razões metodológicas – já insinuadas na introdução desta monografia e certamente mais bem compreendidas ao longo das considerações que virão – requerem a eleição de critério específico para a precisa delimitação do objeto de estudo. Por essa razão, a presente etapa da pesquisa se ocupará de discernir o ceticismo em apenas dois grupos distintos.

Faz-se referência aqui à cisão do ceticismo entre suas linhas *pirrônica* e *acadêmica*. Aliás, o tema das diferenças e semelhanças entre ambas tradicionais correntes céticas constituem verdadeira questão clássica, ou seja, uma *antiga questão*, uma *uetus quaestio*⁵⁸.

O tema foi primeiramente objeto de estudo de um dos principais céticos pirrônicos: Enesidemo⁵⁹. Mais tarde, Plutarco retomou o assunto ao redigir tratado intitulado *Sobre a diferença dos pirrônicos e dos acadêmicos*⁶⁰.

A leitura das obras legadas à contemporaneidade bem como o estudo da literatura secundária que se produziu ao longo desse tempo tende a apontar semelhanças relevantes entre as duas antigas tradições céticas⁶¹. Por esse prisma, é muito plausível que o alegado contraste entre pirronismo e ceticismo acadêmico não tenha sido tão pronunciado quanto sugerem alguns relatos tradicionais⁶².

Por outro lado, não se pode negar que os textos mesmos das fontes principais que se referem a ambas as linhas filosóficas se antagonizam ocasionalmente. Cada uma delas apresenta

⁵⁵ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 13.

⁵⁶ BRITO, Rodrigo P. de. *Quadros conceituais do ceticismo anterior a Sexto Empírico*. *Op. cit.*, pp. 122 e 123.

⁵⁷ BROCHARD, Victor. *Os céticos gregos*. Trad. Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

⁵⁸ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, p. 9.

⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁰ *Ibid.*, p. 10.

⁶¹ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism*. *Op. cit.*, p. 3.

⁶² SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, pp. 54 e 55.

um perfil de sua rival que nem sempre, e até raramente às vezes, se harmoniza com aquilo alegadamente professado pelo grupo em questão⁶³.

Conhecer tais supostas discrepâncias, ainda que sutis, entre uma e outra faceta do ceticismo – pelo menos aos olhos de ilustres figuras cujo pensamento a esse respeito prevaleceu por séculos, sobretudo na Idade Média – constitui providência indispensável para melhor compreensão daquilo que veio a ser considerado ceticismo, particularmente ceticismo acadêmico, ao longo de centenas de anos.

Afinal, em que pese a mútua semelhança, é consensual que os dois ceticismos não são idênticos entre si⁶⁴. E não o são ainda que as diferenças pareçam estar concentradas apenas nas correspondentes opções de estratégias de argumentação, mesmo que orientadas por finalidade comum: a crítica ao dogmatismo e a defesa da suspensão de juízo⁶⁵.

A propósito, usual descrição da principal diferença entre as vertentes pirrônica e acadêmica de ceticismo aponta que, enquanto os cétricos acadêmicos negariam a possibilidade de se obter conhecimento seguro, um cétrico genuíno se recusaria a julgar de uma forma ou de outra, findando por simplesmente suspender seu julgamento ao respeito⁶⁶.

É dessa pretensa distinção, por exemplo, que parte a crítica de Sexto Empírico, segundo quem os cétricos acadêmicos não seriam realmente cétricos e teriam mais em comum com aqueles a quem Sexto chamaria de dogmáticos⁶⁷. Afinal, se o dogmático assim se denomina por ter visão fixa e inalterável, alguém que sustenta a impossibilidade do conhecimento seria, portanto, um dogmático, ainda que um dogmático negativo⁶⁸.

Se tal visão do ceticismo acadêmico corresponde ou não à descrição mais fiel do movimento intelectual que durante certo tempo predominou na Academia de Platão, isso é tema controverso o suficiente a merecer a reflexão de outros trabalhos de pesquisa. O que por ora se pode afirmar é que semelhante imagem não parece refletir o ceticismo cauteloso de Arcesilau⁶⁹, fundador da Academia cétrica⁷⁰ e sobre o qual se discorrerá mais adiante.

No caso do pirronismo, a história do pensamento cétrico identifica em Pirro de Élis (c. 360 – c. 270 a.C.) a figura primordial do ceticismo, ainda que se trate de um dos filósofos menos conhecidos da Antigüidade. À exceção de poema dedicado a Alexandre, Pirro nada mais teria

⁶³ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, p. 10.

⁶⁴ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism*. *Op. cit.*, p. 3.

⁶⁵ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, pp. 21 e 22.

⁶⁶ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, p. 25.

⁶⁷ *Ibid.*

⁶⁸ *Ibid.*

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ *Ibid.*, p. 47.

escrito, de modo que seu pensamento se propagou por meio de testemunhos de seus discípulos, principalmente de seu pupilo Tímon de Flios⁷¹.

Demais disso, existem escassas e mutuamente incompatíveis informações a seu respeito. Haveria, por assim dizer, dois *Pirros*: aquele retratado na tradição cética, representada por Aristocles, Sexto Empírico e Diógenes, e o da tradição acadêmica, conservada por Cícero⁷².

Pirro teria acompanhado Alexandre em sua marcha até a Índia, período no qual o embrião do ceticismo lhe teria sido inoculado, particularmente por haver testemunhado o exemplo dos gimnosofistas – os filósofos nus – e dos magos indianos. Essa experiência se amalgamou a prévias influências existentes em Pirro, que teria sido exposto à teoria democrítica das qualidades sensíveis, ao relativismo dos sofistas e à epistemologia cirenaica⁷³.

Ainda sobre Pirro, afirma-se que se lhe considerava louvável a modéstia, além de certa antipatia às discussões vãs e intermináveis nas quais se deleitavam os filósofos. Por essa razão, censurava tais querelas e disputas, principalmente reprovando a jactância e as pretensões dos contendores. De certa forma, Pirro aquilatava o valor dos homens na medida em que neles constatava ausência de arrogância⁷⁴.

O ceticismo pirrônico recebe esta denominação por se pretender uma retomada das ideias de Pirro⁷⁵. Cronologicamente, a origem do pirronismo se localizaria na tentativa de restauração do ceticismo que então se encontrava ameaçado ou sob influência de importantes modificações oriundas do estoicismo.

O pirronismo provavelmente se desenvolveu em resposta a debates travados no âmbito da Academia, no primeiro século da era passada. Uma das motivações teria sido a percepção de que a Academia havia se desviado excessivamente de seus primórdios⁷⁶. Nesse sentido, e curiosamente, os pirrônicos não seriam propriamente os seguidores tardios de Pirro, mas os verdadeiros herdeiros de Arcesilau⁷⁷.

Deveras, por volta de 300 a.C., quase cem anos após o julgamento e execução de Sócrates, Atenas já se havia tornado um centro bem estabelecido de atividade filosófica. Das escolas então constituídas, inquestionavelmente era a Academia de Platão a despontar em notabilidade, ambiente no qual os sucessores imediatos do célebre filósofo desenvolviam o que

⁷¹ BROCHARD, Victor. *Pirro e o ceticismo primitivo*. *Op. cit.*, p. 3.

⁷² *Ibid.*, p. 1.

⁷³ *Ibid.*, p. 15.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 9.

⁷⁵ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, p. 11.

⁷⁶ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, pp. 196 e 197.

⁷⁷ *Ibid.*

viria a ser conhecido como platonismo, ou seja, o corpo doutrinário extraído das obras platônicas⁷⁸.

Ocorre que essa versão doutrinária dos ensinamentos de Platão parecia cada vez mais insatisfatória a pelo menos um dos membros da Academia, que então inauguraria um novo período na história acadêmica⁷⁹. Segundo a mais antiga e autorizada fonte que se possui acerca do ceticismo acadêmico – os *Academica*, de Cícero –, o iniciador dessa nova posição filosófica foi um escolarca que, segundo Diógenes Laércio, teria conhecido Pirro: o citado Arcesilau, ou Arcesilau de Pitane (c. 315 – 241 a.C.)⁸⁰.

Conta-se que Arcesilau, alçado à posição de chefe da Academia por volta de 268 a.C.⁸¹, foi o primeiro membro da Academia a adotar certo tipo de ceticismo⁸². O escolarca teria se inspirado em diálogos platônicos nos quais as reivindicações de conhecimento entoadas por interlocutores de Sócrates são frequentemente arruinadas, não se alcançando resposta alguma a título de conclusão⁸³. Em rigor, Arcesilau teria até mesmo sido *ainda mais socrático do que Sócrates*, ao não ousar nem sequer afirmar que soubesse que nada sabia⁸⁴.

Sempre sob inspiração de Sócrates, Arcesilau teria sido o primeiro cético antigo a introduzir a noção de *ἐποχή*. Valendo-se de métodos que pareciam emprestados dos primeiros diálogos platônicos, Arcesilau pediria a um aluno que formulasse a defesa de alguma tese, em face da qual ele então produziria um contra-argumento. A interlocução entre mestre e discípulo prosseguiria, por meio de asserções e refutações, de modo que o processo se encerraria num impasse. O ceticismo acadêmico se notabilizaria então pela busca da *ἐποχή*, resultando na negação da obtenção de certeza⁸⁵.

Tal como Sócrates, Arcesilau tampouco deixou obras escritas⁸⁶. Mas seu modo de pensar se manteria hegemônico na Academia pelo menos até o século I a.C., época em que Cícero escreve os *Academica*, já sob os efeitos de significativa transformação intelectual, a partir da qual se inclinaria por uma espécie de ecletismo de inspiração estoica⁸⁷, quiçá mais platônica.

⁷⁸ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy. Op. cit.*, p. 20.

⁷⁹ *Ibid.*

⁸⁰ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos. Op. cit.*, p. 16.

⁸¹ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy. Op. cit.*, p. 20.

⁸² *Ibid.*, p. 47.

⁸³ *Ibid.*, pp. 47 e 48.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 48.

⁸⁵ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism. Op. cit.*, p. 3.

⁸⁶ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy. Op. cit.*, p. 21.

⁸⁷ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos. Op. cit.*, p. 16.

Nesse ínterim, a doutrina da Academia conheceu refinamentos e sofreu modificações empreendidas por escolarcas sucessores de Arcesilau. O primeiro deles teria sido Carnéades de Cirene (c. 213 – 129 a.C.), responsável por ter retomado a filosofia do precursor e lhe ter conferido formulação mais bem acabada⁸⁸.

Embora Carnéades tampouco tenha deixado obras escritas⁸⁹, a história do pensamento cético o alçou a posição renomada, celebrizado por argumentar contra as reivindicações dogmáticas dos estoicos. No entanto, foi um famoso episódio específico que lhe conferiu notabilidade histórica.

Em 155 a.C., Carnéades integrou comitiva de filósofos atenienses que foram em missão diplomática a Roma. Em certa ocasião, durante uma das conferências em que esteve presente, ocorreu-lhe no dia defender um modelo de justiça, apenas para refutá-lo integralmente no dia seguinte, gerando grande perplexidade em seu público romano⁹⁰.

Sexto Empírico vislumbrava traços distintivos entre Carnéades e Arcesilau. Para Sexto, o primeiro praticava uma espécie de dogmatismo negativo por supostamente considerar impossível o conhecimento – visão essa, no entanto, questionada por estudos mais recentes⁹¹.

Deveras, a posição de Carnéades se aproximaria mais de uma recusa em dar consentimento. Mas se trataria de uma recusa qualificada pelo detalhe de que seria razoável seguir o que parece plausível, em que pese a incerteza ocasional.

Percebendo a impossibilidade da completa suspensão do juízo, Carnéades desenvolveu uma teoria da probabilidade. Levando em conta que a probabilidade, embora sujeita a graus variados, pode oferecer suporte aceitável para a ação, Carnéades mostrou, por exemplo, que a existência de fundamento idôneo, caracterizado pelo acúmulo de razões em determinado sentido, proporciona suficiente aproximação da verdade, com alto nível de probabilidade, em que pese jamais se venha atingir a certeza⁹².

Esse adendo de Carnéades à filosofia de Arcesilau teria sido uma resposta à crítica conhecida como a *objeção da inatividade*, segundo a qual seria impossível viver de acordo com preceitos céticos. Note-se, portanto, como tal posição de Carnéades parece destoar do dogmatismo negativo que lhe havia sido atribuído por Sexto Empírico⁹³.

⁸⁸ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, p. 16.

⁸⁹ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, p. 22.

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ *Ibid.*, pp. 47 e 48.

⁹² COPLESTON, Frederick. *Uma história da filosofia*, v. 1. *Op. cit.*, pp. 404 e 405.

⁹³ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, pp. 22 e 23.

A história da Academia registraria ainda a presença de Clitômaco de Cartago (c. 187 – 110 a.C.). Esse discípulo de Carnéades se notabilizou por haver compilado e registrado o vasto arsenal argumentativo de seu mestre, assim como sua doutrina do *probabilismo*⁹⁴.

Após esse período, chega-se então a uma figura especialmente relevante para o escopo do presente trabalho. Filo de Larissa (c. 140 – 80 a.C.), escolarca da Academia entre 110 e 86 a.C., ostenta importância para esta pesquisa não somente por ter sido responsável pela reformulação da doutrina de Carnéades, enfraquecendo-lhe os princípios céticos e lhe conferindo características próprias. Mas é também importante por ter se tornado mestre de Cícero⁹⁵, moldando toda a abordagem que o célebre orador romano conferiu à filosofia⁹⁶.

Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.) estudou tanto com epicuristas quanto com estoicos. Mas foi quando Filo se deslocou para Roma e se tornou seu mestre que Cícero, já bem versado nas principais tradições do pensamento helenístico, passou a demonstrar atração pelo ceticismo. Sua inclinação por essa escola helenística decorreria de sua percepção acerca do conflito entre escolas e doutrinas filosóficas opostas⁹⁷.

Alguns anos após o fim do cerco de Atenas, Cícero inicia périplo durante o qual frequenta palestras tanto de membros da Academia quanto de epicuristas e de estoicos⁹⁸. E mesmo que ao final dessa longa viagem Cícero pudesse ter abrandado seu entusiasmo com o pensamento de Filo de Larissa, no final de sua vida ele teria reafirmado sua adesão a certo tipo de ceticismo moderado⁹⁹.

Aliás, os diálogos escritos por Cícero nos derradeiros anos de sua vida, entre os quais os *Academica*, veiculam uma reivindicação filosófica no sentido de se atribuir aos acadêmicos a posição que, embora não se expresse pela denominação de *cética*, apresenta características que os associa à mais genuína expressão do ceticismo¹⁰⁰.

Tendo o pirronismo emergido como uma espécie de dissidência inaugurada pelo descontentamento de Enesidemo com o estado em que então se encontrava a filosofia desenvolvida na Academia – modificada por influências estoicas certamente inaceitáveis para um cético¹⁰¹ –, a obra de Cícero talvez buscasse objetar o abrandamento de princípios do

⁹⁴ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, pp. 15 e 16.

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, p. 23.

⁹⁷ COPLESTON, Frederick. *Uma história da filosofia*, v. 1. *Op. cit.*, p. 406.

⁹⁸ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, p. 23.

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, p. 15.

¹⁰¹ *Ibid.*, pp. 16 e 17.

ceticismo que teria sido causado por Antíoco de Ascalão, responsável pela introdução das teses estoicas na Academia¹⁰².

É nesse contexto que Cícero teria defendido uma versão do ceticismo acadêmico¹⁰³. Seu propósito teria sido preservar certa variante do ceticismo contra dogmatismos e excessivas concessões ao estoicismo¹⁰⁴. E teria sido justamente essa visão do ceticismo acadêmico a se fazer ouvir, ainda que episodicamente, ao longo da Idade Média, reverberando inclusive no século XII.

A propósito, afirma-se que as obras filosóficas de Cícero proporcionam o melhor caminho para a filosofia helenística, não somente por constituírem a coleção mais importante de textos filosóficos helenísticos que sobreviveram até a contemporaneidade, mas também por veicularem introduções à filosofia da época, redigidas no próprio período, por alguém que frequentou aquele ambiente e que foi aceito no círculo dos principais membros das mais influentes escolas¹⁰⁵.

Não por acaso, portanto, Cícero se tornou o vetor fundamental para a disseminação do ceticismo acadêmico¹⁰⁶. E por essa razão, no escopo do presente estudo, é necessário consignar algumas linhas acerca da propagação de seu ceticismo no contexto da Idade Média.

2.3 O CETICISMO NA IDADE MÉDIA: ECOS DE CÍCERO

Sobrevoos meramente panorâmicos pela filosofia praticada na Idade Média pode sugerir que a força filosófica do ceticismo lhe pudesse ter atravessado o milênio de forma despercebida¹⁰⁷. No entanto, ainda que o neoplatonismo tenha moldado grande parte das tradições latina e árabe da filosofia medieval¹⁰⁸, é inequívoco que as ideias helenísticas não foram esquecidas durante a Idade Média – pelo contrário –, tendo permanecido em circulação, por exemplo, as obras filosóficas de Cícero¹⁰⁹, o que reafirma a importância de seu pensamento

¹⁰² BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, p. 18.

¹⁰³ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, p. 42.

¹⁰⁴ BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. *Op. cit.*, p. 18.

¹⁰⁵ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, p. 223.

¹⁰⁶ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, pp. 18 e 19.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 11.

¹⁰⁸ SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. *Op. cit.*, p. 30.

¹⁰⁹ *Ibid.*, pp. 30 e 31.

para a compreensão da filosofia helenística e particularmente do ceticismo acadêmico que tiver se manifestado no Medievo.

No tocante à apreensão do fenômeno cético na Idade Média, tem-se que o ceticismo acadêmico foi recebido e transformado em um contexto de cristianismo medieval¹¹⁰. E nesse movimento transformativo, a figura de Cícero parece emergir como personagem fundamental.

Leitura apressada do ceticismo, particularmente no contexto da Idade Média, pode muitas vezes reduzir essa linha filosófica ao mero exercício de duvidar¹¹¹. Mas a dúvida, embora uma condição necessária, não é suficiente para caracterização do ceticismo¹¹², especialmente no Medievo, como se verá adiante.

Tal visão açodada pode inclusive resultar em verdadeiros contrassensos de natureza histórica, como sugerir a equivalência muitas vezes insinuada entre ceticismo e ateísmo. Afinal, como se perceberá à medida que se aprofundarem as considerações acerca do objeto desta pesquisa, o ceticismo na Idade Média está muito mais conectado ao fideísmo do que ao ateísmo¹¹³.

É certo que havia três principais fontes de ceticismo antigo disponíveis aos pensadores latinos medievais. A menos relevante delas, embora viesse a se tornar muito importante na modernidade, é uma tradução do final do século XIII dos Esboços Pirrônicos, de Sexto Empírico – aliás, trata-se de evidência inequívoca de que havia já no século XIII interesse crescente pelo ceticismo antigo, detalhe ignorado pela maioria dos historiadores da filosofia até agora¹¹⁴.

Porém, as duas mais importantes fontes de acesso ao pensamento cético – sobretudo no tocante à vertente acadêmica – são o *Contra Academicos*, de Agostinho, que era obviamente conhecido por muitos, e os *Academica*, de Cícero, fonte precípua do primeiro e também muito conhecido e lido ao longo da Idade Média¹¹⁵. Por meio de ambas essas obras, os pensadores medievais sabiam quase tanto quanto hoje se sabe acerca do ceticismo acadêmico¹¹⁶.

Sendo assim, consultar o que diziam os próprios filósofos medievais a respeito de tais fontes do ceticismo constitui alternativa plausível para se dissipar névoas de incerteza que porventura ofusquem a visão contemporânea sobre o tema. Cabe, portanto, perquirir a

¹¹⁰ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 11.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 13.

¹¹² *Ibid.*

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism*. *Op. cit.*, p. 3.

¹¹⁵ *Ibid.*

¹¹⁶ *Ibid.*

compreensão medieval que então se extraía dessas fontes acerca desse particular pensamento helenístico, bem como sondar as eventuais modificações que nele teriam sido introduzidas pelos pensadores da época¹¹⁷.

Nesse contexto, primeira aproximação ao que se tinha por ceticismo o revelaria como uma postura filosófica radical, que tangenciaria a irracionalidade ao supostamente postular a impossibilidade cabal de acesso à verdade. Tal visão extremada do ceticismo despertava nos medievais o ímpeto inicial pela busca de sua refutação, ainda que o mesmo ceticismo viesse a ser invocado, num segundo momento, como instrumento útil à propedêutica da fé.

Inclusive, a origem dessa concepção de ceticismo decorreria principalmente da fonte agostiniana. Uma certa leitura de Santo Agostinho haveria tornado possível uma apropriação instrumental do ceticismo¹¹⁸.

Nesse sentido, em que pesem suas conhecidas críticas aos acadêmicos, seria antes de tudo uma atitude de *prudência epistêmica* que neles seria enaltecida pelo Bispo de Hipona. Agostinho insistiria no papel propedêutico e purgativo do ceticismo, em particular contra falsas filosofias, notadamente materialistas. Por outras palavras, a cautela cognitiva dos cétricos, além de constituir uma arma contra materialistas, ainda proporcionaria a ocasião necessária para reflexão filosófica. É nesse sentido que se alude à ideia de tal uso do ceticismo¹¹⁹.

A propósito, esse uso do ceticismo, respeitados os limites circunscritos por um dogma, vai ao encontro de exigências do cristianismo, tornando possível uma aliança entre ceticismo e fideísmo. Essa utilização instrumental do ceticismo propiciará certa consistência a uma forma de abordagem cétrica ao longo da Idade Média¹²⁰.

Como se verá adiante, nos tópicos vindouros do presente trabalho, um autor da Idade Média – um dos poucos, aliás, a se declarar adepto de uma forma de ceticismo, particularmente do ceticismo acadêmico tal como apresentado por Cícero – promoverá certa mescla entre o pensamento do Bispo de Hipona, a fé cristã e o registro histórico feito pelo célebre orador romano sobre a fase da Academia inaugurada por Arcesilau, produzindo assim um ceticismo de viés acadêmico, porém qualificado pela primazia dos valores da moderação, humildade e prudência epistêmica¹²¹.

Tal declarada adesão a esse ceticismo heterogêneo, de raiz ciceroniana, forjará o uso da prática cétrica da dúvida como meio para exprimir a exiguidade do domínio das coisas

¹¹⁷ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 13.

¹¹⁸ *Ibid.*, pp. 13 e 14.

¹¹⁹ *Ibid.*, pp. 15 e 16.

¹²⁰ *Ibid.*, pp. 16 e 17.

¹²¹ *Ibid.*, pp. 11, 12 e 17.

cognoscíveis, preservando algum espaço para as certezas da fé cristã¹²². Uma forma de ceticismo moldada pelo pensamento de Cícero, que se caracteriza por uma consciência aguda dos limites do conhecimento humano em face dos mistérios da divindade, em que pese a busca racional de ferramentas que permitam superar esses limites tanto quanto possível¹²³. Sempre com moderação, humildade e prudência epistêmica.

¹²² GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., p. 17.

¹²³ *Ibid.*

3 CETICISMO EM JOHN OF SALISBURY

3.1 JOHN OF SALISBURY: O CÉTICO MEDIEVAL

Johannes Paruus. Assim se referia a si próprio John of Salisbury. Talvez assim fizesse por se tratar de um apelido¹²⁴. Ou talvez porque remetesse a seu patronímico¹²⁵. O modesto epíteto, porém, contrasta com a importância de sua estatura filosófica para a história do pensamento, particularmente do século XII, em que pese alguma insinuação de que sua obra não merecesse pertencer à mesma estante filosófica que abriga imortais da envergadura de contemporâneos seus, como Anselmo e Abelardo¹²⁶.

John of Salisbury nasceu em Old Sarum por volta de 1115 e 1120, em algum lugar onde agora se encontram ruínas do mais antigo sítio arqueológico de Salisbury. Veio a falecer em 25 de outubro de 1180 em Chartres, estando seus restos mortais sepultados em túmulo esculpido na Igreja da Abadia de Notre-Dame-de-Josaphat¹²⁷.

John foi estudante, diplomata, administrador eclesiástico e advogado nos tribunais da Igreja. No exercício da diplomacia clerical, percorreu lugares nobres, como Paris, Canterbury, Roma. Tornou-se, por fim, bispo de Chartre¹²⁸.

Além de lhe ter proporcionado instruir-se com os mestres mais renomados de sua época, a exemplo de Abelardo, Guilherme de Conches e Gilberto de la Porrée, a carreira itinerante de John o colocou em contato com os maiores centros de estudo da Europa¹²⁹. Tal experiência lhe permitiu dominar amplamente obras da literatura em latim, incluindo Virgílio, Sêneca, Ovídio, Horácio, Juvenal, Terêncio – e, claro, também o escritor clássico que mais o influenciou, Cícero¹³⁰.

Essa formação tornou John of Salisbury um eloquente mestre da retórica¹³¹. O conhecimento de clássicos da literatura e da filosofia antiga que John exibiu em suas obras lhe conferiu a reputação de ser considerado por muito tempo o melhor representante do humanismo medieval e do Renascimento do século XII¹³².

¹²⁴ GRELLARD, Christophe; LACHAUD, Frédérique. *A Companion to John of Salisbury*. Leiden / Boston: Brill, 2014, p. 2.

¹²⁵ WILKS, Michael. *The World of John of Salisbury*. Oxford: The Ecclesiastical History Society by Blackwell Publishers, 1994, p. 1.

¹²⁶ *Ibid.*

¹²⁷ *Ibid.*

¹²⁸ *Ibid.*

¹²⁹ MAURER, Armand A. *Medieval Philosophy. Op. cit.*, p. 79.

¹³⁰ *Ibid.*

¹³¹ WILKS, Michael. *The World of John of Salisbury. Op. cit.*, p. 7.

¹³² GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme. Op. cit.*, p. 30.

Embora John tenha se nutrido de fontes gregas, naturalmente de Platão e de Aristóteles – considera-se inclusive que John tenha sido um dos primeiros a obter completo conhecimento do *Organon*¹³³ –, é claro que, por óbvias razões linguísticas, as fontes latinas em sua formação são muito mais numerosas do que as gregas¹³⁴, cabendo citar, por exemplo, Boécio e Sêneca.

Aliás, o precário domínio que na época se tinha sobre o grego ático se ilustra perfeitamente em John. Seu acesso direto a textos filosóficos e literários antigos devia ser pontual, já que John não lia grego – como, aliás, quase todos os homens ocidentais de seu tempo.

Suspeita-se, por exemplo, que o *Timeu* haja sido a única obra platônica provavelmente conhecida por John. À parte isso, John teria sido capaz de apenas reconhecer a existência de Homero, Heródoto, Pitágoras, Sócrates, e de eventualmente lhes atribuir doutrinas específicas.

John of Salisbury, porém, era inequivocamente familiar à doutrina de filósofos clássicos gregos. Afinal, escritores falantes do latim disseminaram pela Idade Média os ensinamentos filosóficos da Grécia Antiga, a exemplo da doutrina de Epicuro. Semelhantemente, as principais ideias da *República* de Platão chegaram por obra de Cícero e de Agostinho até John¹³⁵, que também se encontrava sintonizado com a reintrodução do *corpus* aristotélico no ocidente latino, processo que teria revolucionado o aprendizado medieval¹³⁶.

Mas a leitura da obra de John of Salisbury revela que era mesmo Cícero a principal influência exercida por autores latinos sobre seu pensamento, especialmente no campo da filosofia¹³⁷. John nutria verdadeiro fascínio pelo notável orador romano, e essa admiração intelectual se refletia em nível ético e político¹³⁸.

Tal profunda e abrangente influência exercida por Cícero, aliada ao empenho do próprio John em lhe imitar o estilo polido, o levaria a aderir a certa versão do ceticismo acadêmico¹³⁹. Refletindo fundamental compromisso filosófico derivado de Cícero¹⁴⁰, John of Salisbury passa a também se considerar um acadêmico, ou cético moderado, em assuntos filosóficos¹⁴¹.

¹³³ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 31.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 32.

¹³⁵ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury*. *Op. cit.*, p. 6.

¹³⁶ SALISBURY, J. *Policraticus*. Trad. Cary J. Nederman. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. xx.

¹³⁷ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 33.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 218.

¹³⁹ LAGERLUND, Henrik. *Rethinking the History of Skepticism*. *Op. cit.*, p. 10; BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury*. *Op. cit.*, p. 8.

¹⁴⁰ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury*. *Op. cit.*, p. 8.

¹⁴¹ MAURER, Armand A. *Medieval Philosophy*. *Op. cit.*, p. 79.

Ainda que se suponha que John não tenha tido direto acesso aos *Academica*¹⁴², seu ceticismo é marcadamente ciceroniano¹⁴³. Conforme oportunamente se poderá verificar, trata-se de um ceticismo moderado, de cujo âmbito se excluem versões universais e absolutas¹⁴⁴.

Da parte de John, portanto, afirmar-se um cético acadêmico correspondia a sublinhar sua adesão a Cícero numa relação de imitação que é ao mesmo tempo estilística e moral. John of Salisbury, que já era tido como um pensador cujas reflexões expressavam certa curiosidade por ambiguidades filosóficas, sempre inclinado a buscar verdade e falsidade em ambos os lados de uma questão¹⁴⁵, veio a se tornar um dos poucos autores, se não o único na Idade Média, a se declarar cético¹⁴⁶.

Nas conhecidas palavras pelas quais pronuncia seu juramento filosófico à escola que lhe foi apresentada por seu maior gênio inspirador, John manifesta sua adesão ao ceticismo acadêmico, marcada por moderação, humildade e prudência epistêmica:

[...] e em filosofia sou adepto da disputa Acadêmica, que mede pela razão aquilo que se apresenta como mais provável. Não me envergonho das declarações dos Acadêmicos, para não me afastar de suas pegadas naqueles assuntos sobre os quais os sábios têm dúvidas. Embora essa escola pareça introduzir obscuridade em todos os assuntos, nenhuma é mais fiel ao exame da verdade e, segundo a autoridade de Cícero, que na velhice se refugiou nela, nenhuma está em melhores condições para progredir. Portanto, em comentários que ocasionalmente são feitos sobre providência, destino, livre arbítrio e afins, pode-se notar que prefiro os Acadêmicos, em vez de afirmações precipitadas sobre os assuntos que ainda estão em dúvida.¹⁴⁷

Como já se nota – e como mais nitidamente se perceberá adiante, na leitura pormenorizada de passagens de sua obra –, John of Salisbury não era um cético completo, mas na maioria das questões filosóficas ele se contentava em manter modesta reserva, retendo seu

¹⁴² GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., p. 34.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 215.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 216.

¹⁴⁵ WILKS, Michael. *The World of John of Salisbury*. Op. cit., pp. 6 e 7.

¹⁴⁶ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., pp. 17 e 215.

¹⁴⁷ Tradução nossa da passagem em inglês: “[...] and in philosophy I am a devotee of Academic dispute, which measures by reason that which presents itself as more probable. I am not ashamed of the declarations of the Academics, so that I do not recede from their footprints in those matters about which wise men have doubts. Although this school may seem to introduce obscurity into all matters, none is more faithful to the examination of truth and, on the authority of Cicero who in old age took refuge in it, none is on better terms with progress. Therefore, in remarks that are occasionally made about providence, fate, free will and the like, it may be noted that I prefer the Academics, rather than rash assertions about those matters which are still in doubt.” (SALISBURY, J. Op. cit., 1990, p. 7). No original, em latim: “Si tamen et alicubi auctorum aliter quam scripserim, inueniatur, non ideo constabit me esse mentitum, cum in strategematicis historicis, qui frequenter ab inuicem dissidente, sim secutus, et in philosophicis academice disputans, pro rationis modulo, quae occurrerant, probabilia sectatus suui. Nec academicorum erubescio professionem, qui in his quae sunt dubitabilia sapienti, ab eorum uestigiis non recedo. Licet enim secta haec tenebras rebus omnibus uideatur inducere, nulla ueritati examinandae fidelior, et, auctore Cicerone, qui ad eam in senectute diuertit, nulla profectui familiarior est. In his ergo quae incidenter de prouidentia, et, fato, et libertate arbitrii, et similibus dicta sunt, me academicum potius esse noueris, quam eorum quae dubia sunt, temerarium assertorem.” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber I, Prologus*, in *Opera omnia*. (Ed.) J.-P. Migne, PL, 199, p. 388).

juízo conclusivo a respeito¹⁴⁸. Até porque a postura cética de Cícero, que John emulava, não se expressava por meio da dúvida absoluta, mas pelo antidogmatismo¹⁴⁹.

A propósito, em sua atividade literária, desenvolvida principalmente entre 1141 e 1159¹⁵⁰, John of Salisbury tangencia o tema em suas principais obras de interesse filosófico, a exemplo de *Metalogicon* e *Entheticus de Dogmate Philosophorum*¹⁵¹, sendo *Policraticus* a mais notável e conhecida delas¹⁵².

Segundo comentadores do pensamento de John of Salisbury, *Policraticus* constitui uma obra de filosofia moral e política repleta de exemplos extraídos de fontes bíblicas, patrísticas e clássicas, mas fundamentada em um ceticismo moderado ciceroniano¹⁵³. Aliás, estaria justamente no *Policraticus* a mais extensa digressão feita por John of Salisbury acerca do ceticismo acadêmico tal como lhe apresentou Cícero¹⁵⁴.

Encontrando-se, portanto, no *Policraticus* de John of Salisbury o reconhecido assentamento de sua versão de ceticismo, cumpre então melhor conhecer essa obra, a fim de se aprofundar ainda mais na investigação desse particular aspecto de seu pensamento.

3.2 POLICRATICUS: LIVRO VII

3.2.1 A obra e sua relevância para a compreensão do ceticismo de John of Salisbury

O *Policraticus* é frequentemente citado como o primeiro trabalho de fôlego sobre teoria política secular escrito na Idade Média latina. É a obra de John que lhe assegurou alguma colocação na posteridade do pensamento político, ainda que muito em virtude de reputação um tanto anedótica, notabilizada por suposta defesa do tiranicídio¹⁵⁵, bem como por coincidências históricas tais como a referência que lhe fez Fidel Castro em célebre defesa jurídica¹⁵⁶.

Porém, embora relativamente enaltecida, tal alusão à produção intelectual de John se revela incompleta, na medida em que exclui menção a relevante aspecto de *Policraticus*. A obra

¹⁴⁸ MAURER, Armand A. *Medieval Philosophy. Op. cit.*, pp. 79 e 80.

¹⁴⁹ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury. Op. cit.*, p. 8.

¹⁵⁰ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme. Op. cit.*, p. 23.

¹⁵¹ SALISBURY, J. *Policraticus. Op. cit.*, 1990, pp. xvii e xviii.

¹⁵² BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury. Op. cit.*, pp. 1 e 8.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 4.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 10.

¹⁵⁵ SILVA, Lucas. D. *O Direito de Resistência Civil e o Tiranicídio em João de Salisbury. Op. cit.*

¹⁵⁶ RUZ, Fidel Castro. *A história me absolverá. Op. cit.*, p. 94.

perpassa digressões teóricas alheias à seara da política, ocupando-se também de teologia, sátira, filosofia, direito, bem como de comentários bíblicos e meditações pessoais. Trata-se na verdade das memórias filosóficas de uma das figuras mais eruditas da Europa do século XII¹⁵⁷.

Afirma-se, porém, que tal obra de John, embora celebrizada em algum nível, haveria conquistado reconhecimento comedido, circunscrito apenas a determinados ambientes. Por exemplo, ao mesmo tempo em que se alega que *Policraticus* teria alcançado imortalidade – ainda que modesta – pelo menos entre os livros de coleção de história do pensamento político para cursos universitários, ressalva-se que nenhum estudante sério colocaria John of Salisbury entre os imortais da envergadura de alguns de seus contemporâneos, como Anselmo e Abelardo¹⁵⁸.

Segundo o próprio John, o objeto precípua de *Policraticus* se encontraria traduzido no subtítulo da obra, que anuncia discorrer “[s]obre as frivolidades dos cortesãos e as pegadas dos filósofos”¹⁵⁹. Nas palavras do autor, “o livro concentra-se em parte nas frivolidades dos cortesãos e [...] também se ocupa com as pegadas dos filósofos”¹⁶⁰, ficando a critério do sábio leitor definir “quais pegadas devem ser evitadas e quais devem ser seguidas em cada caso”¹⁶¹. Ou seja, algo como opor os modos de vida do cortesão e do filósofo à guisa de alternativa entre a vaidade e a virtude¹⁶².

A exemplo de muitas obras de filosofia medieval, *Policraticus* se utiliza abundantemente de fontes autorizadas como *argumentum ex cathedra*. Pensadores como John acreditavam que, para além da correspondente demonstração racional, a consistência de suas afirmações se robusteceria pela vetustez e pela eminência das autoridades invocadas como avalistas das teses aduzidas. Por isso se encontram em *Policraticus* numerosas e extensas

¹⁵⁷ SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. xv.

¹⁵⁸ WILKS, Michael. *The World of John of Salisbury*. *Op. cit.*, p. 1.

¹⁵⁹ Tradução nossa da passagem em inglês: “*Policraticus – Of the Frivolities of Courtiers and the Footprints of Philosophers*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990). No original, em latim: “*Polycraticus – siue de nugis curialium et uestigiis philosophorum*.” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber I, Prologus*, in *Op. cit.*, pp. 385 e 386).

¹⁶⁰ Tradução nossa da passagem em inglês: “[t]he book concentrates in part on the frivolities of courtiers and [...] also busies itself with the footprints of philosophers.” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. 5). No original, em latim: “*Nugas pro parte continet curiales, et his magis insistit quibus urgetur magis. Pro parte autem uersatur in uestigiis philosophorum; quid in singulis fugiendum sit, aut sequendum, relinquens arbitrio sapientis.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber I, Prologus*, in *Op. cit.*, p. 387).

¹⁶¹ Tradução nossa da passagem em inglês: “[...] which footprints should be avoided and which followed in each case.” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. 5). No original, em latim: “*Nugas pro parte continet curiales, et his magis insistit quibus urgetur magis. Pro parte autem uersatur in uestigiis philosophorum; quid in singulis fugiendum sit, aut sequendum, relinquens arbitrio sapientis.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber I, Prologus*, in *Op. cit.*, p. 387).

¹⁶² GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 27.

citações de fontes pagãs e cristãs, particularmente Santo Agostinho, Cícero e as Sagradas Escrituras¹⁶³.

Aliás, parte expressiva das razões pelas quais *Policraticus* adquiriu algum reconhecimento reside no número e na diversidade de suas referências a textos e doutrinas da antiguidade pagã. John incorporou a sua obra muitas citações de poetas latinos, encontrando-se entre seus prediletos Virgílio, Horácio, Juvenal, Lucan e Ovídio¹⁶⁴.

É justamente ao explorar temas outros no *Policraticus* que John recorre ao mencionado método argumentativo. Tendo ficado claro que seria reducionista tomar o conteúdo dessa obra como um tratado que se ocupasse exclusivamente de filosofia política, o repertório de menções aludidas por John exorbita os confinamentos de reflexões monotemáticas, traduzindo-se em obra verdadeiramente cética¹⁶⁵.

O *Policraticus* explora os fundamentos da boa vida para o homem, buscando desmistificar certas imagens de felicidade propostas por seus contemporâneos, que então defendiam, por exemplo, doutrinas epicuristas¹⁶⁶. Sob o manto conceitual do ceticismo desenvolvido no *Policraticus*, John insiste no valor da moderação, a qual constitui pedra de toque de sua visão sobre uma vida eticamente correta e feliz¹⁶⁷.

O estudo da moderação – e de valores outros que lhe são correlatos, como humildade e prudência epistêmica – vem a ser aprofundado no Livro VII de sua composição. É justamente no contexto de tais digressões que John apresenta sua versão do pensamento cético.

3.2.2 Livro VII e o ceticismo de John of Salisbury: moderação, humildade e prudência epistêmica

Enaltecendo os valores da moderação e da humildade, John of Salisbury inaugura o Livro VII do *Policraticus* tecendo elogios aos cétricos que colonizaram a Academia a partir de Arcesilau e Carnéades. Proclamando abertamente sua adesão à Escola que considera “*preferível a outras para imitação*”¹⁶⁸, John desenvolve uma filosofia lastreada na humildade da pesquisa,

¹⁶³ SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. xix.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. xx.

¹⁶⁵ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 27.

¹⁶⁶ SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. xviii.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. xxiv.

¹⁶⁸ Tradução nossa da passagem em inglês: “*But enough of this. It is yet to be explained in a brief discourse why the Academic School is preferable to others for imitation.*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. 148).

em oposição à soberba dos sedizentes possuidores da verdade, a exemplo dos filósofos¹⁶⁹. Não por acaso suas considerações a esse respeito se iniciam pelo seguinte comunicado ao leitor:

Se essas investigações parecem aproximar-se da filosofia mais formal, o espírito de investigação corresponderia mais às práticas acadêmicas do que ao plano de um combatente obstinado, de modo que, no exame da verdade, cada um reserva para si a liberdade de julgamento e a autoridade dos escritores é ser considerado inútil sempre que for subjugado por um argumento melhor.¹⁷⁰

E mesmo que a dimensão cética da filosofia de John se afigurasse pouco discernível à primeira vista, é certo que a apresentação de seu pensamento ao respeito, tal como veiculado no Livro VII, alude desde o início aos conceitos que viriam a se tornar nucleares em seu ceticismo: a moderação e a humildade¹⁷¹. É sob esse enfoque que John of Salisbury, desde as páginas inaugurais do *Policraticus*, mas particularmente em seu Livro VII, declara sua adesão ao ceticismo acadêmico, sobretudo inspirado por um dos pensadores que mais o influenciaram:

[...] e nas questões filosóficas, argumentando como um Acadêmico dentro dos limites da razão, aderi ao que parecia provável. E não me envergonho de afirmar contar entre os Acadêmicos eu que, em assuntos duvidosos para os sábios, sigo seus passos. De fato, embora esta seita pareça introduzir obscuridade sobre todas as coisas, nenhuma é mais confiável no exame da verdade, segundo Cícero, que em sua velhice se voltou para ela [...].¹⁷²

O ceticismo de John of Salisbury que se desenvolve ao longo do Livro VII é basicamente explorado a partir de seu aspecto metodológico. A juízo de John, tendo em vista o reduzido escopo cognoscível pelas limitadas aptidões inerentes à natureza do homem, e considerando ainda a precariedade das condições em que se vive, o ceticismo constituiria o método mais

No original, em latim: “*Sed haec hactenus. Cur autem academicos prae caeteris placeat imitari, sermo succinctus aperiet.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Policraticus, Liber VII, Prologus*, in *Op. cit.*, p. 637).

¹⁶⁹ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 29.

¹⁷⁰ Tradução nossa da passagem em inglês: “*If these inquiries seem to approach more formal philosophy, the spirit of investigation would correspond to Academic practices rather than to the plan of a stubborn combatant, so that in the examination of truth each person reserves to himself freedom of judgment and the authority of writers is to be considered useless whenever it is subdued by a better argument.*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, pp. 147 e 148). No original, em latim: “*Si qua uero ad grauioris philosophiae exercitationem uidentur accedere, academicorum more inuestigandi animo potius, quam peruicacia contendendi, sic consiet esse proposita, ut in examinatione ueri, suum cuique iudicium liberum reseruetur, et inutilis scribentium censeatur auctoritas, ubi sententia potior refragatur.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Policraticus, Liber VII, Prologus*, in *Op. cit.*, p. 637).

¹⁷¹ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, pp. 50 e 225; BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury*. *Op. cit.*, p. 13.

¹⁷² Tradução nossa da passagem em francês: “[...] *et sur les questions philosophiques, disputant en Académicien dans les limites de la raison, j’ai adhéré à ce qui apparaissait probable. Et je ne rougis pas d’affirmer compter parmi les Académiciens moi qui, à propos des choses douteuses au sage, suit leurs traces. En effet, bien que cette secte semble introduire l’obscurité sur toutes choses, nulle n’est plus fiable dans l’examen de la vérité, selon Cícéron qui dans sa vieillesse s’est tourné vers elle [...].*” (GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 37). No original, em latim: “[...] *et in philosophicis Academicis disputans pro rationis modulo quae occurrerent probabilia sectatus sim. Nec Academicorum erubescio professionem, qui in his quae sunt dubitabilia sapientia ab eorum uestigiis recedo. Licet enim secta haec tenebras rebus omnibus uideatur inducere, nulla ueritati examinandae fidelior et, auctore Cicerone qui ad eam in senectute diuertit [...].*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Policraticus, Liber I, Prologus*, in *Op. cit.*, p. 388).

adequado à sondagem da verdade, cujo eventual acesso se pudesse obter por meio do exame crítico sobre todas as coisas¹⁷³:

Se, de fato, a brevidade da vida e a obtusidade do entendimento, a negligência da inatividade e a inutilidade da ocupação nos permitem saber pouco, então mesmo isso é constantemente banido e arrancado da alma pelo esquecimento que engana o conhecimento por meio de perpétua hostilidade e infidelidade a sua madrasta, a memória.¹⁷⁴

Para um cristão, como John, o ceticismo corresponderia à atitude racional mais condizente com o homem após a *queda*¹⁷⁵. Sobretudo porque o universal, a estrutura do real e a verdadeira natureza das coisas corresponderia a ideias divinas, incognoscíveis pela criatura humana, ainda que porventura acessíveis pela fé¹⁷⁶.

Tal dimensão metodológica de seu ceticismo leva John a desenvolver uma epistemologia probabilística, influenciada pelo pensamento acadêmico que lhe é apresentado por Cícero¹⁷⁷. Nutrido pelos citados valores da moderação e da humildade, o pensamento de John orbita a ideia de prudência epistêmica, que organiza seu ceticismo e o torna compatível com sua cosmovisão cristã¹⁷⁸. Pois se o pecado houver obstruído o acesso à verdade, decerto que não haverá obscurecido a razão a ponto de torná-la inábil para discernir o que é provável¹⁷⁹.

Em tal modelo epistemológico, a citada prudência epistêmica ocupa posição nuclear e não pode ser ignorada pelo cristão que de fato deseja conhecer a verdade. Estando a criação envolta por mistérios insondáveis, John encontra na modéstia epistêmica dos céticos acadêmicos a perfeita compatibilização com a impenetrabilidade do enigma divino e o compromisso de fé necessário à assimilação dos mistérios da criação¹⁸⁰.

É fundamental destacar, no entanto, que o cético cristão de John of Salisbury não se confunde com um recalitrante infatigável – como, aliás, ele próprio fez questão de ressaltar¹⁸¹.

¹⁷³ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., pp. 37, 38 e 60.

¹⁷⁴ Tradução nossa da passagem em inglês: “If indeed the shortness of life and the obtuseness of understanding, the negligence of inactivity and the uselessness of occupation, permit us to know little, then even this is constantly banished and torn from the soul by forgetfulness which deceives knowledge through perpetual hostility and infidelity to its stepmother, memory.” (SALISBURY, J. Polycraticus. Op. cit., 1990, p. 3). No original, em latim: “Siquidem uita brevis, sensus hebes, negligentiae torpor, inutilis occupatio, nos paucula scire permittunt: et eadem jugiter excutit, et auellit ab animo fraudatrix scientiae, inimical et infida semper memoriae nouerca, obliuio.” (IOANNES SARESBERIENSIS. Polycraticus, Liber I, Prologus, in Op. cit., p. 385).

¹⁷⁵ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., pp. 37 e 38.

¹⁷⁶ *Ibid.*, pp. 80 e 82.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 52.

¹⁷⁸ *Ibid.*, pp. 37 e 38.

¹⁷⁹ *Ibid.*, pp. 94 a 97.

¹⁸⁰ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., p. 38.

¹⁸¹ cf. nota de rodapé 170.

John, obviamente, não deseja se associar – conforme se verá mais adiante – ao tipo exacerbado de ceticismo acadêmico criticado por Agostinho¹⁸².

Bem diferentemente, o cético de John é ávido pela verdade. E justamente por isso não se precipita na formação de seu convencimento. Examinando meticulosamente argumentos que se antagonizam antes de se inclinar pelo mais convincente deles, o cético de John tampouco se deixa intimidar pela autoridade – excetuada, claro, a autoridade da fé¹⁸³.

Aliás, John expressa sua desaprovação à postura daqueles que pouco hesitam ao subscrever teses alheias, sem o necessário exercício prévio do próprio juízo crítico. Repudiando manifestações de fanatismo, John chega a afirmar que *“toda veemência é inimiga da salvação, e todo excesso é um erro; um excesso de bondade e de ações habitualmente boas é muito mau”*¹⁸⁴.

Uma vez mais é a postura cautelosa do ceticismo acadêmico a ser recordada por John ao criticar *“aquele que é cativado pela opinião de um erudito, late alto para qualquer coisa e acredita que o que saiu das ocultas intimidades da filosofia não passa de um sinal de infantilidade”*¹⁸⁵. E não somente a cautela, como também a humildade cética é bem-vinda, dado que a capacidade dos homens para dirimir os enigmas que se lhe apresentam não excederá *“algumas questões aptas a discussão, nas quais exercitam sua inteligência e consomem suas vidas”*¹⁸⁶:

São poucos, porém, os que se dignam a ser imitadores dos acadêmicos, pois cada um escolhe mais por gosto do que por razão o que vai seguir. Alguns são distraídos por suas próprias opiniões; outros, com os doutos, e outros, com o trato da multidão. Quem duvida que quem jura pela palavra de seu professor não presta atenção ao que é dito, mas a quem é dito? Aquele que é cativado pela opinião de um erudito, late alto para qualquer coisa e acredita que o que saiu das ocultas intimidades da filosofia não passa de um sinal de infantilidade. Ele está disposto a contestar qualquer bobagem,

¹⁸² AGOSTINHO. *Contra os Acadêmicos*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2018.

¹⁸³ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., p. 39.

¹⁸⁴ Tradução nossa da passagem em inglês: *“Truly all vehemence is inimical to salvation, and all excess is in error; an excess of goodness and of habitually good deeds is very evil”* (SALISBURY, J. *Policraticus*. Op. cit., 1990, p. 53; e BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury*. Op. cit., p. 17). No original, em latim: *“Omnis uero uehementia saluti inimica est, et excessus omnis in culpa; bonarumque rerum consuetudo nimia, pessima est.”* (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VI, Cap. IX*, in Op. cit., p. 531).

¹⁸⁵ Tradução nossa da passagem em espanhol: *“[a]quel a quien cautivo la opinion de un docto, ladra con fuerza cualquier cosa y cree que há salido de las ocultas intimidades de la filosofia lo que no es sino muestra de puerilidade.”* (SALISBURY, J. *Policraticus*. Trad. Manuel Alcalá. Madrid: Editora Nacional, 1984, p. 524). No original, em latim: *“Quiduis enim elatrat acriter, et quo imbuta est puerilis aetas, de intimis philosophiae abditis erutum putat. Paratus et de lana caprina contendere, credens inopinabile, si quid ignotum, auribus ejus insonuit, nec rationibus aequiescit, quem doctoris captiuauit opinio.”* (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. IX*, in Op. cit., p. 653).

¹⁸⁶ Tradução nossa da passagem em espanhol: *“[...] unas pocas cuestiones aptas para discutir, en las que ejercitan su ingenio y consumen su vida.”* (SALISBURY, J. *Policraticus*. Op. cit., 1984, p. 525). No original, em latim: *“[...] aut ut multum pauculas quaestiones aptas jurgiis elegerunt, in quibus ingenium suum exercent, consumant aetatem.”* (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. IX*, in Op. cit., p. 654).

acreditando que é inconcebível, se algo desconhecido ressoa em seus ouvidos, e ele não escuta a razão, porque o que aquele professor disse é autêntico e sacrossanto.

[...]

Olhe para os professores dos filósofos de nossa época, aqueles que são anunciados mais ruidosamente e que são tumultuosamente cercados por uma multidão de ouvintes. Ouça-os com atenção. Você os encontrará ocupados com uma regra ou com dois ou três termos. No máximo, elegeram alguns assuntos convenientes para discussão, sobre os quais exercitam sua inteligência e consomem suas vidas. Nem mesmo são capazes de resolvê-los, mas sim, por meio de seus ouvintes, transmitem o nó e a confusão, com seu emaranhado, aos que vêm depois, para que possam resolvê-lo.¹⁸⁷

Segundo John, o propósito visado pelo cético é não incorrer em conduta presunçosa, típica de quem não hesita em formular julgamentos temerários. O cético de John of Salisbury é um indivíduo moderado, humilde, cauteloso. Suas opiniões são meramente prováveis e não declarações pretensamente reveladoras da verdade.

E assim devem ser particularmente no contexto da tradição acadêmica, tal como apresentada por Cícero, que enfatizava a liberdade de pensamento proporcionada pelo ceticismo¹⁸⁸. Segundo John, o ceticismo acadêmico resiste à tentação de substituir por dogmas formados prematuramente a discussão aberta sobre assuntos incertos¹⁸⁹. Para John, a moderação inerente ao ceticismo acadêmico protege a liberdade de investigação que se deve ter por necessária na busca da verdade¹⁹⁰.

¹⁸⁷ Tradução nossa da passagem em espanhol: “*Hay pocos, con todo, que se dignen ser imitadores de los academicos, ya que cada uno elige mas por gusto que por razon aquello que va a seguir. Unos se distraen con opiniones propias; otros, con las de los doctos, y otros, con el trato de la muchedumbre. Quien pone en duda que quien jura por la palabra de su maestro no atende a lo que se dice sino a por quien se dice? Aquel a quien cautivo la opinion de un docto, ladra con fuerza cualquier cosa y cree que há salido de las ocultas intimidades de la filosofia lo que no es sino muestra de puerilidad. Esta dispuesto a disputar de cualquier tonteria, creyendo que es inconcebible, si algo desconocido resuena en sus oidos, y no atiende a razones, porque lo que dijo aquel maestro es autentico y sacrossanto. [...]. Observa a los maestros de los filósofos de nuestra época, a los que se pregona más alto y a quienes rodea tumultuosamente una multitud de oyentes. Escúchales con diligencia. Los encontrarás ocupados con una regla o con dos o tres términos. Como mucho, eligieron unas pocas cuestiones aptas para discutir, en las que ejercitan su ingenio y consumen su vida. Ni siquiera son capaces de resolverlos, sino que, a través de sus oyentes, transmiten el nudo y la confusión, con su enredo, a los que vengan después, para que ellos las resuelvan.*” (SALISBURY, J. *Policraticus. Policraticus. Op. cit.*, 1984, pp. 524 e 525). No original, em latim: “*Pauci tamen sunt qui academicorum imitatores esse dignentur, cum unusquisque pro libitu potius, quam ratione, eligat quod sequatur. Alii manque propriis, alii doctorum opinionibus, alii multitudinis consortio distrabuntur. Quid enim dubitat, qui juratus in uerba magistri, non quid, sed a quo quid dicatur attendit? Quiuis enim elatrat acriter, e quo imbuta est puerilis aetas, de intimis philosophiae abditiis erutum putat. Paratus et de lana caprina contendere, credens inopinabile, si quid ignotum, auribus ejus insonuit, nec rationibus acquiescit, quem doctoris captiuauit opinio. [...]. Suspice ad moderatores philosophorum temporis nostril illos qui altius praeconantur, quos auditorum multitudo circumstrepit, diligenter attende eos in regula una, aut duobus aut pauculis uerbis inuenies occupatos, aut ut multum pauculas quaestiones aptas jurgiis elegerunt, in quibus ingenium suum exercent, consumant aetatem. Eas tamen non sufficiunt enodare, sed nodum, et totam ambiguitatem cum intricatione sua per auditores suos transmittunt posteris dissoluendum*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. IX, in Op. cit.*, pp. 653 e 654).

¹⁸⁸ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme. Op. cit.*, p. 39.

¹⁸⁹ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury. Op. cit.*, p. 12.

¹⁹⁰ *Ibid.*

Mas bem entendido: tal festejada liberdade de pensamento não justifica o exercício desmesurado da razão, sob pena de se incorrer em conduta atentatória contra a fé. Nesse sentido, John of Salisbury ressalta as limitações cognitivas intrínsecas à natureza humana, das quais não escapam tampouco os filósofos, cujas inestimáveis contribuições para a história do pensamento não bastam para exculpá-los por sua conhecida ousadia de reivindicarem para si a posse da verdade.

Envaidecidos por eventuais triunfos de suas faculdades mentais, muitos, especialmente os filósofos, ergueriam a tocha da razão na vã convicção de que seu uso desassistido da graça divina seria suficiente para iluminar os mistérios da criação. Mas já nas considerações iniciais do Livro VII, John lembra que semelhante atrevimento não resulta senão em ignomínia:

Que o gênio dos filósofos da antiguidade era abundante e que o estudo foi avançado por eles agora não é apenas opinião, mas um julgamento do qual todos em comum estão convencidos. Pois, através do estudo e da prática, esses gênios prepararam para si mesmos um caminho para assuntos que são por natureza quase incompreensíveis, e com sua ajuda muitas descobertas foram feitas à posteridade com as quais nos regozijamos e nos maravilhamos. Eles mediram a terra, submeteram os céus às suas regras, sondaram as várias causas dos fenômenos naturais e seus olhos contemplaram o Artesão de todo o universo, mesmo que apenas de maneira indireta. Assim, como que movidos pela força de gigantes e fortalecidos por uma proeza não mais humana, eles se ensoberbeceram e proclamaram guerra contra a graça de Deus por meio do vigor de sua razão e da confiança no livre arbítrio, como se no conto de Ovídio eles estivessem prestes a tomar os céus como cativos pela força daquelas virtudes que eles exaltavam. E assim eles foram lançados para baixo tantas vezes quanto foram elevados e, chamando-se sábios, foram feitos de tolos, e seu coração imprudente foi obscurecido, de modo que aqueles que se familiarizaram com quase tudo foram os mais perniciosamente errados sobre maioria das coisas. Na distração de suas várias opiniões, eles eram ignorantes até mesmo sobre o menor dos assuntos.¹⁹¹

¹⁹¹ Tradução nossa da passagem em inglês: “*That the genius of the philosophers of antiquity had abounded and that study was advanced by them is now not merely opinion but a judgment of which everyone in common is persuaded. For through study and practice these geniuses prepared for themselves a path to matters which are by nature almost incomprehensible, and with their aid many discoveries were made known to posterity for which we rejoice and at which we marvel. They measured the earth, they subjected the heavens to their rules, they probed the various causes of natural phenomena, and their eyes gazed upon the Craftsman of the entire universe, if only in a sort of indirect way. Thus, as if conveyed by the might of giants and strengthened by a prowess no longer human, they puffed up and proclaimed war against the grace of God by means of the vigour of their reason and reliance upon free will, as if in Ovid's tale they were about to seize the heavens as captive by the force of those virtues which they extolled. And so they were hurled down as often as they were raised up, and by calling themselves wise they were made to be fools, and their unwise heart was darkened, so that those who became fully acquainted with almost everything were the most perniciously in error about most things. In the distraction of their various opinions they were ignorant about even the least of matters.*” (SALISBURY, J. Policraticus. *Op. cit.*, 1990, pp. 148 e 149). No original, em latim: “*Antiquos quidem philosophos floruisse ingeniis, et studio profecisse, iam non celebris opinio est, sed omnibus in commune persuasa sententia. Ad res enim ex natura fere incomprehensibiles, studio et exercitatione uiam sibi fecit ingenium, et illorum beneficio plurima publicata sunt posteris, quibus gaudemus et miramur inuentis. Mundum dimensi sunt, coelum suis regulis subjecerunt, naturae uarias scrutati sunt causas, et uniuersitatis opificem, defaecatis quodam modo sunt oculis contemplati. Quasi ergo mole Gigantea subuecti, et jam non humanis uiribus roborati, intumuerunt, indixeruntque bellum gratiae Dei, de uigore rationis libero confisi arbítrio, ae si secundum fabulas essent coelo captiuo uirtutum, quibus efferebatur, brachia injecturi. Dejecti sunt itaque dum alleuarentur, et dicentes se esse sapientes, stulti facti sunt; et obscuratum est insipientis cor eorum, ut qui omnia fere pernouerant, perniciosissime errarent in maximis; et uariis distracti opinionibus, etiam numina ignorarent.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Policraticus, Liber VII, Cap. I, in Op. cit.*, pp. 637 e 638).

Semelhantes investidas dos filósofos, na visão de John of Salisbury, além de evidenciarem a ambição humana de se alçar à condição divina, teriam ainda por consequência a prática do erro, especialmente revelada, segundo John, na ruidosa discrepância entre eles próprios. E pior: sedizentes filósofos, que buscam o conhecimento das coisas por si mesmos e recusam a graça divina, seriam guiados ou pela loucura ou por uma inútil *libido sciendi*¹⁹², ao não perceberem que pouco valem as “*as forças da inteligência ou estudo*”¹⁹³, se não se tem “*Cristo como ponto de referência*”¹⁹⁴:

O ancião de Chartres [Bernardo de Chartres] expressou em poucas palavras quais são as chaves do conhecimento, que iluminam o caminho dos filósofos que tendem a contemplar a beleza da verdade. Ainda que a suavidade do seu verso não me encante, aprovo o seu significado e creio que deveria ser inculcado fielmente no espírito dos filósofos. Diz assim:

Mente humilde, desejo de investigar, vida tranquila, busca silenciosa, pobreza, terra estrangeira, essas realidades, com leitura, abrem coisas obscuras para muitos.

Pois o Senhor dá a sua graça aos humildes e confere a inteligência da verdade àqueles que, iniciados no temor, o seguem fielmente no amor e na execução dos seus mandamentos. [...]. Em vão alguém se gaba de sua capacidade de espírito, de sua tenacidade de memória e de sua assiduidade no estudo. Porque se tais dons se desviarem de seu objeto, tanto mais se desviam do caminho certo quanto mais relevantes são. Pois também acontece que quanto mais rápido o cavalo sai do caminho, mais tarde o cavaleiro voltará para casa.

A simplicidade se une à humildade, com a qual muito se ajuda a inteligência de quem aprende. Porque a humildade se apegue às coisas escritas pelos doutos e a simplicidade, pela interpretação da fé, orçiona para um melhor sentido o que pode parecer menos convenientemente dito. [...].

[...] Pois o desejo de saber é proveitoso se o mesmo desejo de saber tem Cristo como ponto de referência. [...] Pois aqueles que, buscando a própria satisfação pelas forças da engenhosidade ou do estudo, atentam contra a integridade das Escrituras, ficam como excluídos do sacrário da filosofia e banidos da inteligência do que é verdadeiro.¹⁹⁵

¹⁹² GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., pp. 95 e 96.

¹⁹³ Tradução nossa da passagem em espanhol: “[...] *las fuerzas del ingenio o del estudio* [...]” (SALISBURY, J. *Policraticus*. Op. cit., 1984, p. 545). No original, em latim: “*Quisquis enim ad uoluptatem suam ingenii aut studii uiribus, Scripturarum integritatem attentat, quae a sacrario philosophiae exclusus, ab intelligentia ueri alienus exstat.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. XIII*, in Op. cit., p. 667).

¹⁹⁴ Tradução nossa da passagem em espanhol: “[...] *como punto de referencia a Cristo*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. Op. cit., 1984, p. 545). No original, em latim: “*Sic enim prodest quaerendi studium, si auiditas ipsa sciendi referatur ad Christum.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. XIII*, in Op. cit., p. 667).

¹⁹⁵ Tradução nossa da passagem em espanhol: “*El anciano de Chartres expresó en pocas palabras lo que son las llaves del saber, que aligeran el camino a los filosofos que tienden a contemplar la hermosura de la verdad. Aunque no me arrebate la suavidad de su verso, apruebo su sentido y creo que se habria de inculcar fielmente en las mentes de los filosofos. Dice asi: Mente humilde, deseo de investigar, vida tranquila, busqueda silenciosa, pobreza, tierra extranjera, estas realidades, con la lectura, abren a muchos las cosas oscuras. Pues el Senor da su gracia a los humildes y confiere la inteligencia de la verdad a quienes, iniciados en el temor, le siguen fielmente en el amor y ejecucion de sus mandamientos. [...] En vano se lisonjea uno por su capacidad de ingenio, su tenacidad de memoria y su asiduidad en el estudio. Porque si tales dotes se desvian de su objeto, tanto mas se apartaran del recto camino cuanto mas relevantes son. Pues tambien ocurre que cuanto mas velozmente se aleja el caballo de su camino, tanto mas tarde regresara a casa quien lo monta. A la humildad se le une la simplicidad, con la que mucho se ayuda la inteligencia de los que aprenden. Porque la humildad acata las cosas que se escriben por los doctos y la simplicidad, por la interpretacion de la fe, endereza bacia un mejor sentido lo que pueda*

Como já se torna evidente a essa altura, a adesão de John of Salisbury ao ceticismo acadêmico é também, ou especialmente, justificada por um componente teológico, que o aproxima de um matiz fideísta¹⁹⁶. Sendo onisciente apenas Deus, John reitera que a natureza evasiva de certas verdades se atestaria uma vez mais pela dispersão de filósofos em seitas variadas e na pluralidade de suas escolas e correspondentes linhas de pensamento, notabilizadas por infundável desacordo mútuo:

Assim, enquanto o gênio dos filósofos erguia suas máquinas para a luta contra Deus, a unidade da verdade realmente imutável e infalível foi-lhes retirada, e eles perderam inteiramente o maior conhecimento das coisas que são verdadeiras com base nesta simples verdade, de modo que foram convencidos por suas próprias obras da falsidade dos dados dos sentidos, e enquanto seu guia, ou seja, o Espírito da verdade, os deixou, eles se dispersaram em diferentes seitas de acordo com sua erros sem sentido e falsidades.¹⁹⁷

Para John of Salisbury, o ceticismo acadêmico – e a memória de Cícero segue sendo continuamente invocada à guisa de avalista filosófico – não somente imunizaria os homens contra o desatino de se considerarem detentores da verdade, como também os pouparia do constrangimento de persistirem na simulação inverossímil, porventura encenada perante

parecer dicho menos convenientemente. [...] [...] Pues el deseo de saber es provechoso si la misma avidez de saber tiene como punto de referencia a Cristo. [...] Pues quien buscando la propia satisfaccion por las fuerzas del ingenio o del estudio, atenta contra la integridad de las Escrituras, se queda como excluído del sagrario de la filosofia y desterrado de la inteligencia de lo verdadero.” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1984, pp. 543 a 545). No original, em latim: “*Quae uero sint discendi clauēs, quae philosophantibus ad intuentiam speciem ueritatis, iam eo endentis expediunt, senex Carnotensis paucis expressit. Et licet metri ejus suauitate non capiar, sensum approbo, et philosophantium smentibus credo fideliter ingerendum. Ait ergo: Mens humilis, studium quaerendi, uita quieta, scrutinium tucitum, paupertas, terra aliena, haec reserure solent multis obscura legendo. Humilibus namque dat gratiam Dominus, et illis ueritatis intelligentiam confert, qui timore initiatus, ei in dilectione Dei, et exsecutione mandatorum suorum fideliter adhaerent. [...] Frustra quis sibi de capacitate ingenii, de memoriae tenacitate, de assiduitate studii, de linguae uolubilitate blanditur. Quia si haec in inuio fuerint, quo efficaciora uidentur, eo longius aberrabunt. Nam et equus quo uelocius aberrat, eo tardius domum, quisquis insidet redit. Est autem humilitati conjunta simplicitas, qua discentium intelligentia plurimum adjuuantur. Humilitas enim his, quae scribuntur a doctoribus, acquiescit; et simplicitas, si qua secus ae oportuit dicta uidentur, in partem meliorem, fidei interpretatione retorquet. [...] Sic enim prodest quaerendi studium, si auiditas ipsa sciendi referatur ad Christum. [...] Quisquis enim ad uoluptatem suam ingenii aut studii uiribus, Scripturarum integritatem attentat, quae a sacrario philosophiae exclusus, ab intelligentia ueri alienus exstat.”* (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. XIII*, in *Op. cit.*, pp. 666 e 667).

¹⁹⁶ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 216.

¹⁹⁷ Tradução nossa da passagem em francês: “*Ainsi, tandis que le génie des philosophes érigeait ses machines en vue du combat contre Dieu, l’unité de la vérité vraiment immuable et infaillible leur fut soustraite, et ils perdirent entièrement la plus grande connaissance des choses qui sont vraies sur la base de cette seule et unique vérité, de sorte qu’ils furent convaincus par leurs propres travaux de la fausseté du donné des sens, et tandis que leur guide, à savoir l’Esprit de vérité les quittait (Jn 16, 13), ils se dispersèrent em différentes sectes en fonction de leurs erreurs et de leurs faussetés insensées”* (GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 41). No original, em latim: “*Sic et philosophi dum ingenii sui machinas suo quodam teomachiae genere in altum erexerunt, eis uere incommutabilis et indeficientis ueritatis subtracta est unitas, et ignorantiae nebulis obuoluti eorum quae ab una et singulari ueritate uera sunt, maximam notitiam perdidierunt, uti in sensum reprobum dati esse conuincerentur ab operibus suis, et tamquam recedente duce, Spiritu scilicet ueritatis, dispergerentur in uarias sectas erroris et insanias falsas”* (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. I*, in *Op. cit.*, p. 638).

outrem, de ingenuamente buscarem convencer o espectador de que possuiriam a verdade. Uma vez mais são a moderação e a humildade inerentes à prudência epistêmica a resgatá-los do *precipício da falsidade*:

Mas os Acadêmicos, evitando o precipício da falsidade, são mais modestos nessas questões porque dificilmente negam suas faltas e, na condição de ignorantes das coisas, duvidam de todas elas. O que é muito mais seguro do que decidir imprudentemente sobre dados incertos. A reputação da Academia foi bem reforçada por Heraclides do Pont e por nosso Cícero (homens que recebem elogios por suas habilidades intelectuais), que se converteram à Academia, assim como muitos outros que seria muito longo listar. Não deveriam eles ser preferidos aos outros, tanto por terem assegurado sua modéstia quanto por terem dado grandes conselhos aos homens?¹⁹⁸

Conforme pontuado a montante, John acredita que a filosofia baseada apenas na razão e desprovida da fé não pode chegar à verdade¹⁹⁹. Nesse contexto, o orgulho dos filósofos é contraposto pela postura moderada e humilde de nada se afirmar temerariamente. Veja-se, portanto, que a prudência epistêmica inerente ao ceticismo de John of Salisbury não designa uma doutrina constituída, e sim uma prática – uma prática de moderação e humildade.

Como se pode notar, o ceticismo visado por John corresponde a uma postura cética. Por adotar inclusive uma abordagem que já se denominou *abelardiana* – devido ao *Sic et Non* do célebre filósofo medieval que foi seu mestre –, segundo a qual, em benefício de exame meticuloso do objeto sob consideração, adia-se o correspondente julgamento conclusivo, John of Salisbury enxerga no ceticismo moderado o modelo condizente com uma práxis útil²⁰⁰.

¹⁹⁸ Tradução nossa da passagem em francês: “*Mais les Académiciens, évitant le précipice de la fausseté, sont plus modestes sur ces sujets car ils nient difficilement leurs défauts et, dans une position d’ignorance à propos des choses, ils doutent de chacune d’elles. Ce qui est bien plus sûr que de se prononcer témérairement sur des données incertaines. La réputation de l’Académie a été bien renforcée par Héraclide du Pont et par notre Cicéron (des hommes qui reçoivent des éloges pour leurs capacités intellectuelles), qui furent convertis à l’Académie, ainsi que bien d’autres qu’il serait trop long d’énumérer. Ne doivent-ils pas être préférés aux autres, à la fois pour avoir assuré de leur modestie et pour avoir donné de grands conseils aux hommes?*” (GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., pp. 41 e 42). O mesmo trecho, em inglês: “*But Academics, evading the precipice of falsehood, are more modest in these sorts of matters because they hardly disavow their defects and, in a position of ignorance about things, they are entirely uncertain about each one. This is by far more secure, of course, than to decide upon uncertainties rashly. The reputation of the Academic school is supported inasmuch as not only Heraclides of Pontus and our Cicero – men who in general received praise for their mental abilities – were at length converted to it, but also many others who are too numerous to mention. Are not they to be preferred to others both by their assertion of modesty and by the greatness of the advice they recommend to men?*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. Op. cit., 1990, pp. 149 e 150). No original, em latim: “*Academici uero uitantes praecipitium falsitatis in eo quidem modestiores sunt quod defectum suum minime diffitentur et in rerum ignorantia positi fere de singulis dubitant. Quod quidem longe tutius est quam incerta temere diffinire. Academicorum quoque iuuat opinionem quod non modo Eraclides Ponticus et Cicero noster, in summa ingeniosorum uirorum laude recepti, tandem ad eos transierunt, sed et alii plures quos percurrere longum est. Nonne ergo praeferendi sunt aliis quos et asserendi modestia et tantorum uirorum commendat auctoritas?*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. I*, in Op. cit., p. 638).

¹⁹⁹ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., pp. 43 e 94.

²⁰⁰ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury*. Op. cit., pp. 43 e 44.

Para John, a prudência epistêmica de seu ceticismo moderado constitui um hábito, adequado não somente à perquirição filosófica, mas também ao sopesamento de eventos em geral, como a ponderação de conflitos e a reflexão sobre dilemas do cotidiano do mundo real. No cerne dessa abordagem cética, sempre a preocupação com a moderação e a humildade – tanto no temperamento quanto no comportamento e na fala²⁰¹.

Nessa postura desponta o já mencionado aspecto metodológico do ceticismo, o qual também se refletiria em seu uso precipuamente instrumental para o exercício da fé, aproximando-se assim do mesmo ceticismo que teria resgatado o próprio Agostinho do maniqueísmo, ao lhe proporcionar alguma suspensão do juízo perante a rivalidade entre argumentos maniqueístas e ambrosianos.

Deveras, na esteira de Agostinho, John of Salisbury também distingue duas etapas complementares na utilização metodológica – instrumental – do ceticismo. Por primeiro, o ceticismo se destinaria à neutralização do próprio ceticismo em sua versão hiperbólica, imoderada, radical – algo como o oxímoro *ceticismo dogmatizante* –, buscando-se demonstrar que uma dúvida universal seria filosoficamente estéril. Em seguida, recorre-se uma vez mais ao ceticismo, mas desta feita com intuito propedêutico para a fé, em contraposição a certas teorias filosóficas, particularmente aquelas materialistas²⁰².

Nesse contexto, John of Salisbury reafirma a distinção entre o ceticismo ao qual adere do ceticismo absoluto, por ele rejeitado²⁰³. Afinal, para John, há uma série de certezas, próprias da ciência e da fé, das quais não se deve duvidar:

Há muitas coisas sobre as quais a autoridade dos sentidos, da razão ou da religião nos convence. A dúvida sobre eles carrega a marca da enfermidade, do erro ou do crime. Pois perguntar se o sol está brilhando, se a neve está branca ou se o fogo está queimando é ser privado da sensação humana. Além disso, perguntar se três é maior que dois e se o todo contém a parte e se quatro é o dobro de dois é marca de uma razão surda ou totalmente ausente. E aquele que questiona a existência de Deus, e pergunta se ele é sábio e bom, não é apenas irreligioso, mas um traidor, e deve ser instruído pelo castigo.²⁰⁴

²⁰¹ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury. Op. cit.*, pp. 45 e 46.

²⁰² GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme. Op. cit.*, p. 44.

²⁰³ *Ibid.*

²⁰⁴ Tradução nossa da passagem em francês: “*Il y a de nombreuses choses à propos desquelles l'autorité des sens, de la raison ou de la religion nous persuade. Le doute à leur propos porte la marque de l'infirmité, de l'erreur ou du crime. Car demander si le soleil brille, si la neige est blanche, ou si le feu brûle c'est être privé de la sensation humaine. En outre, demander si trois est plus grand que deux et si le tout contient la partie et si quatre est le double de deux, c'est la marque d'une raison sourde ou entièrement absente. Et celui qui met en question l'existence de Dieu, et demande s'il est sage et bon, n'est pas seulement irreligieux, mais traître, et doit être instruit par une punition.*” (GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme. Op. cit.*, 2013, p. 44). No original, em latim: “*Quod alia sensus, alia rationis, alia religionis auctoritate probantur; et quod fides in omni doctrina aliquod stabile initium uendicat quod probari non debet; et quod alia per se doctioribus innotescunt, alia rudibus; et quatenus dubitandum sit; et quod pertinacia ueritatis inquisitionem plurimum impedit. Sunt enim nonnulla quae sensus rationis aut religionis persuadet auctoritas. Horum dubitatio infirmitatis erroris notam habet aut criminis. Quaerere enim an sol splendeat, albeat nix, ignis caleat, hominis est*

Como se deve recordar, o ceticismo radical, repellido por John of Salisbury, contrasta particularmente com o ceticismo moderado atribuído por ele a Cícero e ao próprio Agostinho. O escopo do ceticismo erigido sob essa dupla autoridade se projetaria especialmente no uso de argumentos céticos sobre assuntos de filosofia teórica:

E certamente contra seus absurdos não apenas Agostinho, um pai importante e fiel doutor da Igreja, mas também um mestre cheio de fé, e Cícero argumentaram longamente por meio de argumentos válidos e discursos no estilo mais elegante. No entanto, o próprio Cícero testemunha que se aproximou daqueles que duvidam de tudo o que os sábios podem questionar; e nosso Agostinho não os persegue, pois tem usado frequentemente em suas obras a contenção dos acadêmicos e relata vários assuntos de dúvida que os outros, argumentando com mais confiança e temeridade, parecem não questionar.²⁰⁵

A propósito, a passagem acima transcrita merece que se faça breve interrupção nas considerações em curso, a fim de se registrar a interpretação que John of Salisbury parece extrair da obra de Agostinho. Talvez discrepando da leitura que predomina na contemporaneidade sobre o pensamento de Agostinho – particularmente acerca de seu *Contra Academicos*²⁰⁶ –, repare-se que John of Salisbury alista o Bispo de Hipona entre os praticantes do método acadêmico, em que pese sua afamada crítica ao ceticismo²⁰⁷.

Fechado esse parêntese, mas ainda no contexto da distinção entre versões moderada e exacerbada do ceticismo, vale memorar que John alerta para a absoluta esterilidade de um exercício, por assim dizer, diletante da dúvida, pelo qual se vem a questionar tudo e qualquer coisa. Segundo John of Salisbury, quase como se estivesse a visitar os primórdios do ceticismo, marcado por mencionada indiferença ou certo desinteresse pela *θεωρία* desprovida da correspondente *πράξις*²⁰⁸, se a razão e o discernimento nada proporcionam ao homem, tais

sensu indigentis. At uero an ternarius binario maior sit ipsum que totum et medietatem eius contineat quaerere et an quaternarius sit duplus binario, indiscreti est et cui est ratio otiosa aut deest omnino. Qui uero an Deus sit deducit in quaestionem et an idem potens sapiens sit an bonus, non modo irreligiosus sed perfidus est, et pena docente dignus est instrui.” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. VII*, in *Op. cit.*, p. 649).

²⁰⁵ Tradução nossa da passagem em francês: “*Et assurément contre leurs inepties non seulement Augustin, important Père et fidèle docteur de l’Église, mais aussi enseignant plein de foi, et Cicéron, ont argumenté longuement au moyen d’arguments valides et de discours au style le plus élégant. Néanmoins, Cicéron lui-même atteste qu’il s’est rapproché de ceux qui doutent de chacune des choses que les sages peuvent mettre en question; et notre Augustin ne les persécute pas puisqu’il a fréquemment utilisé dans ses oeuvres la retenue des académiciens et qu’il rapporte plusieurs sujets de doute que les autres, disputant avec plus de confiance et de témérité, ne semblent pas mettre en question.*” (GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme. Op. cit.*, pp. 45 e 46). No original, em latim: “*Et quidem aduersus istorum ineptias magnus pater et fidelis doctor Ecclesiae Augustinus sed et Cicero ualidis rationibus et sermone elegantissimos copiosius disputant. Verumtamen ad illos qui de singulis dubitant quae sapienti faciunt quaestionem, Cicero seipso teste transiuit; nec eos noster Augustinus persequitur, cum et ipse in operibus suis Academicum temperamento utatur frequentius et sub ambiguitate proponat multa quae alii confidentius nec magis temerarie disputante non uiderentur habere quaestionem.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. II*, in *Op. cit.*, p. 640).

²⁰⁶ AGOSTINHO. *Contra os Acadêmicos. Op. cit.*

²⁰⁷ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury. Op. cit.*, pp. 12 e 13.

²⁰⁸ *cf.*, *supra*, item 2.1 desta monografia.

faculdades se revelam “*inúteis para o homem que não pode ser persuadido de nada, mas vacila sempre e em todas as coisas sobre opiniões escorregadias*”²⁰⁹:

Que imprudência ou impudência, portanto, atrai aqueles que são ignorantes sobre cada coisa para a profissão do filósofo? Pois assim como 'aquilo que é conhecido' é gramaticalmente designado pelo nome de 'conhecimento', assim também 'aquilo que é raciocinado' é gramaticalmente designado pelo nome 'razão', isto é, certo e fixo. E, de fato, a razão é inútil para o homem que não pode ser persuadido de nada, mas antes vacila sempre e em todas as coisas sobre opiniões escorregadias. Pois o que a filosofia confere àquele que sempre flutua em suas opiniões, e para quem se apaga a luz da razão que revela o caminho para a felicidade, quase como se ele arrancasse os olhos de quem está mostrando o caminho para que o viajante pode avançar com mais cautela e corretamente? Aquele que está cego não é ainda mais impedido? Que caminho preferencial deve ser seguido por aquele que é puxado em tantas direções? Certamente, ninguém chega à sua casa, exceto aquele que segue um caminho; e aquele que acomoda seu ouvido a cada palavra nunca descansará. O preguiçoso, o tolo ou o louco não se parecem mais com o filósofo do que com aquele que, quando se lembra do sono, duvida se dormiu e que, quando está farto de comida, não sabe se está com fome e que tem conhecimento de nenhuma dessas coisas que ele está fazendo atualmente ou fez recentemente?²¹⁰

Semelhante prática, que John enxerga na conduta de pretensos filósofos, mais se aproxima ao comportamento de figuras tidas por questionadores afetados e caprichosos, que interrogam a tudo de forma voluntariosa e recalcitrante. Essa postura radical, amiúde associada

²⁰⁹ Tradução nossa da passagem em inglês: “[...] *pointless to the man who can be persuaded of nothing, but rather vacillates always and in all things upon slippery opinions.*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. 151). No original, em latim: “*Et profecto inanis est ratio hominis, cui nihil persuaderi potest, quia semper et in omnibus opinionum lubrico uacillet.*” (IOANNES SAREBERIENSIS. *Policraticus, Liber VII, Cap. II, in Op. cit.*, p. 639).

²¹⁰ Tradução nossa da passagem em inglês: “*What rashness or impudence, therefore, draws those who are ignorant about each thing to the profession of the philosopher? For just as 'that which is known' is grammatically designated by the name of 'knowledge', so also 'that which is reasoned' is grammatically designated by the name 'reason', that is, certain and fixed. And indeed reason is pointless to the man who can be persuaded of nothing, but rather vacillates always and in all things upon slippery opinions. For what does philosophy confer upon him who always fluctuates in his opinions, and for whom the light of reason which reveals the path to happiness is extinguished, almost as though he plucks out the eyes of one who is showing the way in order that the traveller may advance more cautiously and correctly? Is not he who is blinded even more greatly hindered? What preferred path is to be followed by him who is pulled in so many directions? Certainly, no one reaches his home except for him who follows one path; and he who accommodates his ear to every word will never rest. Does not the idler or the fool or the madman rather than the philosopher resemble the one who, when he recalls sleep, doubts whether he has slept, and who, when he is filled with food, does not know whether he is hungry, and who has knowledge of none of those things which he is doing presently or has recently done?*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, pp. 151 e 152). No original, em latim: “*Qui ergo ad singula nescii sunt, qua temeritate uel impudentia, philosophandi professionem arripiunt? Nam sicut ab eo quod notum est, notio, sic et ratio ab eo, quod ratum est, id est certum et firmam, grammaticae denominatur. Et profecto inanis est ratio hominis, cui nihil persuaderi potest, quia semper et in omnibus opinionum lubrico uacillet. Quid enim ei philosophia confert, qui semper fluctuat opinionibus; et cui, in ostendenda felicitatis uia, rationis lumen exstinguit, et quasi oculum eruit, ut cautius et rectius pergat uiator, cui ostensura est uiam? Sane ad patriam nemo peruenit, nisi qui unam sequitur uiam; et qui omni uerbo autem accommodat, nunquam quietus erit. Nonne similior est lethargico, aut insipienti, siue insano, quam philosopho, qui cum somnii meminerit, an dorminerit dubitat, et cum cibo satiatus est, na jejunos sit, nescit, et nullius eorum quae egit uel in proximo, scientiam habet? Deinde, quam uir in philosophiae inuestigatione proficiet, cui ratio nihil persuadeat, quod teneat, aut sequitur, sed est ad omnia semper incertus?*” (IOANNES SAREBERIENSIS. *Policraticus, Liber VII, Cap. II, in Op. cit.*, pp. 639 e 640).

à imagem caricata de céticos acadêmicos, não merece, segundo John, “*o nome e a honra do homem, menos ainda do filósofo*”²¹¹.

Para John of Salisbury, numerosas outras províncias da curiosidade intelectual escapam à plena compreensão humana. Sobre tais assuntos, é bem-vindo algum ceticismo moderado. A postura dos céticos acadêmicos pode ser inspiradora para se cultivar alguma modéstia, humildade, moderação, enfim, virtudes que ofereçam proteção contra o *precipício da imprudência*:

No entanto, há questões duvidosas sobre as quais o homem sábio não está convencido pela autoridade da fé ou de seus sentidos ou razão manifesta e nas quais reivindicações contrárias repousam no apoio de alguma evidência. Entre tais questões estão aquelas que são feitas sobre a providência, sobre a substância, quantidade, força, eficácia e origem da alma, sobre destino e inclinações naturais, acaso e livre arbítrio, sobre matéria e movimento e origens dos corpos, sobre se a progressão da multiplicidade e a divisão da magnitude têm algum limite e se esses limites são finalmente descobertos apenas fora da razão, sobre tempo e lugar, sobre número e linguagem, se há mais atrito entre os mesmos tipos de coisas ou entre tipos diferentes, sobre divisibilidade e indivisibilidade, sobre a substância e a forma do som, sobre o status dos universais, sobre o uso, os fins e a origem das virtudes e vícios, se um homem que tem uma virtude tem todas as virtudes, se todos os pecados são iguais e são punidos igualmente; igualmente sobre as causas das coisas e sua conexão e oposição, sobre o fluxo e refluxo dos oceanos, sobre a nascente do Nilo, sobre o aumento e diminuição dos fluidos nos corpos dos animais de acordo com os movimentos da lua, sobre os deveres e tipos de casos que se originam em contratos e quase-contratos, crimes e quase-crimes, ou vários outros tipos de processos, sobre a natureza e suas obras, sobre a verdade e as primeiras origens das coisas sobre as quais o gênio humano falha, se anjos têm ou não seus próprios corpos e que de tipo eles os têm, e o que pode ser piedosamente perguntado ao próprio Deus que excede a investigação por todas as naturezas racionais e é exaltado sobre tudo o que pode ser concebido pela mente. Dessa forma, muitas coisas podem ser expostas sobre as quais os sábios admitem dúvidas, mas essas dúvidas passariam despercebidas pelos homens comuns. E assim eu prontamente acredito que os Acadêmicos têm dúvidas sobre esses assuntos com tanta modéstia que percebo que eles se precaveram diligentemente contra o precipício da temeridade. Tanto que, quando certo número de palavras de incerteza (por exemplo, “talvez”, “possivelmente” e “quicá”) é mencionado em lugares entre autores cuja dúvida não é indiscriminada, diz-se que são usadas com restrição acadêmica porque os Acadêmicos eram mais contidos do que outros que eram conhecidos por atacar toda a verdade pela precipitação de suas determinações e seu mergulho precipitado na falsidade.²¹²

²¹¹ Tradução nossa da passagem em inglês: “*Such is the Academic, since he is neither able to be compared with brutish animals nor does he merit the name and honour of man, still less of philosopher [...]*” (SALISBURY, J. *Polycraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. 152). No original, em latim: “*Talis utique academicus, eum nec brutis animalibus ualeat adaequari, nec dignus est hominis, nedum philosophi, uel honore, uel nomine.*” (IOANNES SARESBURIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. II*, in *Op. cit.*, p. 640).

²¹² Tradução nossa da passagem em inglês: “*Yet there are doubtful matters about which the wise man is not convinced by the authority of either faith or his senses or manifest reason and in which contrary claims rest on the support of some evidence. Among such questions are those which are asked about providence, about the substance, quantity, strength, efficacy and origin of the soul, about fate and natural inclinations, chance and free will, about matter and motion and origins of bodies, about whether or not the progression of multiplicity and the division of magnitude have any limits at all and whether these limits are finally discovered only outside reason, about time and place, about number and language, about whether there is more friction between the same sorts of things or different sorts, about divisibility and indivisibility, about the substance and form of sound, about the status of universals, about the usage and ends and origin of virtues and vices, whether a man who has one virtue has all the virtues, whether all sins are equal and are punished equally; likewise about the causes of things and their connection and opposition, about the ebb and flow of the oceans, about the source of the Nile, about the*

Enfim, a depender do ponto de vista a partir do qual se o aborde, o objeto do ceticismo de John of Salisbury pode envolver amplo repertório temático, abrangendo campos diversos da racionalidade, a exemplo da física, da metafísica, da ética, do direito e da própria lógica. Malogrando o instrumental cognitivo ao tentar obter acesso à verdade – seja por sua incapacidade circunstancial em dirimir o conflito entre argumentos equipolentes, seja pela duvidosa acurácia do aparato sensorial humano –, John vislumbra no ceticismo dos acadêmicos a postura apropriada a se adotar, por inspirar moderação e humildade em quem deseja escapar *do precipício da temeridade*:

Podemos assim expor várias coisas sobre as quais os sábios admitem dúvidas, enquanto essas dúvidas permaneceriam desconhecidas do vulgo. É por isso que em todos esses assuntos eu admitiria facilmente que os acadêmicos duvidaram com tanto mais modéstia quanto vejo que eles se guardam diligentemente do precipício da temeridade.²¹³

increase and diminution of the fluids in the bodies of animals according to the motions of the moon, about the duties and kinds of cases which originate in contracts and quasi-contracts, crimes and quasi-crimes, or various other sorts of suits, about nature and its works, about truth and the earliest origins of things about which human genius falls short, whether or not angels have their own bodies at all and what sort they have, and what may piously be asked of God Himself who exceeds investigation by all rational natures and is exalted over everything which can be conceived by the mind. In this fashion, many things can be expounded about which wise men admit doubts, yet these doubts would be unnoticed by common men. And so I readily believe that Academics have doubts regarding these matters with so much modesty that I perceive them to have guarded diligently against the precipice of rashness. This is so to the extent that, when a certain number of words of uncertainty (for example, 'maybe', 'possibly', and 'perhaps') are mentioned in places among authors whose doubt is not indiscriminate, they are said to be used with Academic restraint because the Academics were more restrained than others who were known to assail all truth by the rashness of their determinations and their headlong dive into falsehood.” (SALISBURY, J. Polycraticus. Op. cit., 1990, pp. 152 e 153). No original, em latim: “Sunt aut dubitabilia sapienti, quae nec fidei, nec sensus, aut rationis manifestae persuades auctoritas, et quae suis in utramque partem niuntur firmamentis. Talia quidem sunt quaeruntur de providentia, de substantia, quantitate, uiribus, efficacia, et origine animae; de fato, de facilitate naturae, casu, et libero arbitrio; de materia et motu, et principiis corporum, de progressu multitudinis, et magnitudinis sectione; na terminos omnino non habeant, an eos duntaxat αλογος tandem inueniant. De tempore et loco, de numero et oratione, de eodem et diuerso, in quo plurima attritio est, de diuiduo et indiuiduo, de substantia et forma uocis, de statu uniuersalium, de usu et fine, ortuque uirtutem et uitiorum: an omnes uirtutes habeat, qui unam habet: an omnia peccata sint aequalia, et aequaliter punienda. Item de causis rerum et adjunctione earum, uel repugnantia, de affluxione et deffluxione Oceani, de ortu Nili, de humorum in animalibus corporibus augmento et diminutione ad motum lunae, de uariis latentis naturae secretis: de officiis et figuris causarum, quae in contractibus, aut quae contractibus, maleficiis, aut quasi maleficiis; aut aliis rerum formis uarie oriuntur, de natura et operibus ejus: de ueritate, et primis rerum initiis, in quibus humanum ingenium deficit, an angeli omnino sua non habeant, aut qualia habeant corpora, et quae pie quaeruntur de ipso Deo, qui totius naturae rationalis excedit inuestigationem, et super omnia, quae mente possunt concipi, exaltatur. Possent in hunc modum enarrari quamplurima, quae sic dubitationem sapientis admittunt, ut tamen dubitatio ipsa uulgum praetereat. In his itaque facile crediderim academicos tanto modestius dubitasse, quanto eos temeritatis praecipitium diligentius praecauisse reperio. Adeo quidem, ut cum apud scriptores in locis non passim dubiis, uerba quodammodo ambigua, qualia sunt haec, si forte, fortasse, et forsitan, proferuntur, académico dicantur uti temperamento, eo quod temperatores aliis academici fuerint, qui omnem ueriti sunt temerariae definitionis subire notam, et praecipitium falsitatis.” (IOANNES SARESBERIENSIS. Polycraticus, Liber VII, Cap. II, in Op. cit., pp. 640 e 641).

²¹³ Tradução nossa da passagem em francês: “On peut de cette façon exposer plusieurs choses sur lesquelles les sages admettent un doute, alors que ces doutes resteraient inconnus au vulgaire. C’est pourquoi sur tous ces sujets j’admettrais facilement que les académiciens doutassent avec d’autant plus de modestie que je vois qu’ils se gardent diligemment du précipice de la témérité.” (GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Op. cit., p. 47). No original, em latim: “Possent in hunc modum enarrari quam plurima quae sic dubitationem sapientis admittunt ut tamen dubitatio ipsa uulgum praetereat. In his itaque facile crediderim

Porém, se por um lado é múltipla a variedade temática sob escrutínio do ceticismo professado por John of Salisbury, por outro lado é relativamente limitado o seu escopo em cada qual. Por esse ponto de vista, projetando-se sobre perímetro reduzido, precipuamente constituído por dúvidas pontuais, acerca de problemas específicos, para cujas resoluções ainda não existe proposta definitiva, o ceticismo de John exclui de seu âmbito algumas verdades científicas, tidas por inquestionáveis, bem como as verdades da fé:

Mas há questões de dúvida sobre as quais o homem sábio não é persuadido pela autoridade da fé, dos sentidos ou da evidência racional, e que, do ponto de vista oposto, é apoiado por evidências firmes.²¹⁴

Mas bem entendido: para John of Salisbury, as virtudes cardeais de seu ceticismo são a moderação e a humildade. Muito embora John exclua do escopo de seu ceticismo algumas verdades da ciência, é preciso estar atento, ainda segundo John, para o fato de que mesmo uma atração desmesurada pela lógica e pela matemática pode levar a uma segunda forma de excessos, contra o qual é necessário ter cuidado. Pode-se incorrer no aludido oxímoro do *ceticismo dogmatizante*²¹⁵.

O exercício da dúvida e do questionar não dever se traduzir em prática meramente diletante, errática ou apenas teimosa. Há princípios sobre os quais são erguidos edifícios intelectuais, em relação aos quais o questionamento desmesurado revelaria, senão irracionalidade, propósitos inconfessáveis, quiçá maliciosos.

Há, porém, questões outras, a cujo respeito o questionamento deve sim avançar. E uma vez mais John of Salisbury invoca o ceticismo acadêmico e as palavras de Cícero para sumular a conduta equilibrada de quem aspira à sabedoria, isto é, *“aquele cuja intenção é ser um filósofo pode indagar quando as coisas não estiverem claras e pode se retirar quando a verdade provável for evidente”*²¹⁶.

Achademicos tanto modestius dubitasse quanto eos temeritatis praecipitium diligentius praecauisse repperio.” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus*, Liber VII, Cap. II, in *Op. cit.*, p. 640).

²¹⁴ Tradução nossa da passagem em francês: *“Mais il y a des sujets de doute à propos desquels le sage n’est persuadé par l’autorité ni de la foi, ni des sens, ni des preuves rationnelles et qui du point de vue opposé sont appuyés par des preuves fermes.”* (GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 46). No original, em latim: *“Sunt autem dubitabilia sapienti quae nec fidei nec sensus aut rationis manifestae persuadet auctoritas et quae suis in utramque partem nituntur firmamentis.”* (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus*, Liber VII, Cap. II, in *Op. cit.*, p. 640)

²¹⁵ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 51.

²¹⁶ Tradução nossa da passagem em inglês: *“[...] he whose intention it is to be a philosopher may inquire when things are unclear and may retire once the probable truth is evident.”* (SALISBURY, J. *Polycraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. 156). No original, em latim: *“[...] praescribit Cicero, ut cui philosophandi propositum est, dum res obscura est, quaerat; dum probabiliter elucescit, ueritati acquiescat.”* (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus*, Liber VII, Cap. VII, in *Op. cit.*, p. 650).

E sempre, claro, procedendo com a leveza e a fidalguia que somente o espírito despido da soberba pode proporcionar. Assim, recorrendo John uma vez mais à sabedoria de Cícero, “*estamos preparados para refutar sem raiva e ser refutados sem obstinação*”²¹⁷.

Em suma, o uso do ceticismo de John of Salisbury é duplo. Por um lado, utilizam-se os instrumentos da razão para discriminar crenças e rejeitar aquelas que são falsas, supersticiosas ou heréticas; por outro, se os utilizam para promover uma crença verdadeira, ou seja, a fé cristã. Todo o ceticismo de John é atravessado por esse movimento pendular e dialético entre sua dimensão crítica e seu intento apologético²¹⁸.

O ceticismo de John of Salisbury substitui o açodamento pela exigência de um exame cuidadoso de objetos pouco conhecidos. Ceticismo, para John, é acima de tudo um convite ao debate e à investigação. Nesse aspecto se encontra a dimensão fundamentalmente propedêutica de sua atitude filosófica. Seu ceticismo é limitado a áreas nas quais o intelecto ainda não atingiu o óbvio, mas pode se contentar com probabilidades²¹⁹.

Por fim, vale lembrar que, para John – e já se afirmou algo semelhante na introdução do presente trabalho –, a filosofia que se manifesta por meio do ceticismo serve a propósito muito maior do que proporcionar ao indivíduo proveito material, regozijo estéril ou mero diletantismo cerebrino. Exercê-la atende àqueles que dela se utilizam com humildade caritativa, com vistas à obtenção de sabedoria:

Alguns são incitados pela curiosidade de saber; outros são impelidos pela vaidade com o aguilhão do orgulho, por parecerem saber; outros são inflamados pela paixão de buscar lucro. Raro é aquele que tateia os caminhos da sabedoria com o pé da caridade ou da humildade, para ensinar ou ser ensinado.²²⁰

²¹⁷ Tradução nossa da passagem em inglês: “[...] *we are prepared to refute without anger and be refuted without obstinacy*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. 156). No original, em latim: “*Nos qui sequimur probabilia, nec ultra id quod probabile occurrit, progredi possumus, et refellere sine iracundia, et refelli sine pertinacia parati sumus.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. VII*, in *Op. cit.*, p. 650).

²¹⁸ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 97.

²¹⁹ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, p. 49.

²²⁰ Tradução nossa da passagem em espanhol: “*A unos les incita la curiosidad por saber; a otros les urge la vanidad con el aguijon del orgullo, por parecer que saben; a otros les inflama la pasión a buscar ganancias. Raro es el que tantea los caminos de la sabiduría con el pie de la caridad o la humildad, para enseñar o ser enseñado.*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1984, p. 553). No original, em latim: “*Alios ut sciant, curiositas excitat. Alios, ut scire uideantur, elationis stimulo uanitas urget. Alios ad quaestum pestifera cupiditas inflammat. Rarus est qui charitatis aut humilitatis pede sapientiae uias scrutetur, ut doceatur aut doceat.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. XV*, in *Op. cit.*, pp. 672 e 673).

4. CONCLUSÕES TRANSITÓRIAS

Ao encerramento deste trabalho, seu autor se percebe arrebatado por recordações diversas. Evocadas em sua maioria pelo estudo do ceticismo de John of Salisbury, uma delas remete particularmente à memória de Porchat. Vem à mente certa passagem de sua obra, na qual o saudoso professor resgata conhecida anedota filosófica, narrada no diálogo platônico *Teeteto*.

Sócrates conta a Teodoro de Cirene o episódio no qual Tales observava os astros enquanto caminhava. Absorto em sua contemplação do firmamento, o filósofo acabou caindo em um poço. Uma jovem trácia, que presenciou o ocorrido, zombou de Tales, rindo-se de que ele se entretinha com coisas celestes, mas deixava escapar o que havia logo à sua frente, sob seus próprios pés.

Porchat revisita essa historietta para lhe sugerir uma releitura. Uma nova interpretação sobre cuja autoria é irresistível cogitar a hipótese de que também o próprio John of Salisbury, caso tivesse conhecido aquele diálogo de Platão, bem que a poderia ter formulado, haja vista sua postura cética em relação à frequente jactância dos filósofos. Eis a reflexão de Porchat:

Os filósofos converteram Tales em pai da filosofia e, desde Platão, fizeram desse cômico incidente o símbolo da sublime altanaria do espírito filosófico, que se ergue acima das vicissitudes da vida e cuja profundidade escapa à compreensão do vulgo. Mas cabe da mesma fábula uma outra interpretação. Cabe nela ver o prenúncio daquela trágica alienação que levou a filosofia ao esquecimento do mundo. Passei a admirar a sabedoria da pequena trácia. Ela merece, ainda hoje, toda a minha simpatia.²²¹

Não parece exagero imaginar que John of Salisbury pudesse vislumbrar nessa reflexão de Porchat também uma admoestação contra o ímpeto pernóstico do dogmatismo secular. Rechaçando a postura estéril do ceticismo radical – pois admitia a existência de conhecimentos cujo acesso somente poderia ser recusado por uma mente torpe ou enferma –, John of Salisbury exorta moderação, humildade e prudência epistêmica justamente porque reconhece no homem as limitadas aptidões cognitivas de uma criatura incapaz de decifrar os enigmas dos orbes celestiais que seduziram Tales, ainda que o mesmo homem seja hábil no uso da razão como instrumento útil para se esquivar de desníveis geográficos que se lhe apresentem pelo caminho epistêmico.

Tais meditações rememoram do presente trabalho seus passos inaugurais e as demais formulações que se lhes seguiram. Fazem lembrar suas considerações introdutórias, sobre como predileções intelectuais deste pesquisador e coincidências outras redundaram na investigação

²²¹ SILVA, Oswaldo P. de A. P. da. *Rumo ao ceticismo*. *Op. cit.*, pos. 516, n.p.

acadêmica que ora se encerra. Revisitam a importância do estudo da filosofia medieval e a necessidade de não se isolar o pensamento contemporâneo de seus antecedentes históricos. Relembrem as características gerais do ceticismo e de suas duas vertentes fundamentais – pirrônica e acadêmica –, ambas constituindo um modo de pensar original, notabilizado por atitude filosófica denunciadora dos arroubos precipitados ou autoritários das filosofias dogmáticas. Culminam, por fim, no ceticismo acadêmico e na influência exercida pela obra de Cícero sobre o pensamento de um clérigo medieval nascido mil anos mais tarde.

Ao tempo em que tais partes do trabalho retornam à mente do autor deste TCC, cabe doravante destacar algumas lições aprendidas no estudo do pensamento de John of Salisbury – sempre pelo prisma em cujas faces são refletidos os aspectos considerados principais em seu ceticismo: modéstia, humildade e prudência epistêmica.

Por primeiro, cabe registrar que, embora o Livro VII do *Policraticus* de fato veicule generoso material acerca do pensamento cético de John of Salisbury, não custou perceber que também o *Metalogicon* e o *Entheticus de Dogmate Philosophorum* se lhe conectam num conjunto caracterizado pelo compartilhado endosso ao ceticismo moderado de Cícero²²². Aliás, em particular o *Metalogicon* – no qual se veicula a teoria do conhecimento de John – ofereceria apropriado pano de fundo para se colocar em perspectiva essa concepção moderada do ceticismo²²³.

Tais achados são importantes não somente para reafirmar o modestíssimo alcance do trabalho que ora se conclui, mas sobretudo para evidenciar a aptidão do presente estudo para se expandir em ulteriores pesquisas. Assim seria possível explorar as demais obras filosóficas de John of Salisbury, na expectativa de melhor compreender seu pensamento cético e poder expressá-lo em língua portuguesa, colmatando a identificada lacuna na publicação de estudos sobre o tema.

Uma segunda lição colhida ao final do presente estudo corresponde à visão de John of Salisbury acerca da própria natureza da investigação filosófica, segundo cuja opinião o filosofar não deveria constituir atividade especializada, árida e obscura. Diferentemente, para John o estudo filosófico se destina a auxiliar na realização da boa vida, tanto do indivíduo quanto de sua comunidade. Aliás, na esteira de palavras suas, extraídas do mesmo Livro VII do

²²² BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury. Op. cit.*, pp. 8, 9 e 14.

²²³ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme. Op. cit.*, pp. 19 e 53.

Policraticus, “é isto que sempre se deve buscar com a leitura: que o homem se torne cada vez melhor”²²⁴.

Nesse particular, o estudo da obra de John of Salisbury, à luz de seu compromisso intelectual em unificar teoria e prática, ampliou o entusiasmo do autor deste trabalho com a filosofia helenística e robusteceu sua visão quanto à função ancilar a leitura filosófica. Trata-se mesmo de atividade que deve proporcionar *real-world relevance*²²⁵, diametralmente oposta, portanto, ao que John enxergava como uma destinação vã da filosofia, quando direcionada a propósito não orientado pelo cultivo da virtude, gerando senão vaidade.

E nesse contexto, John of Salisbury se revela algo como um otimista gnosiológico. Retendo o ímpeto opiniático, exorta a prudência no exercício cognitivo, porquanto ciente das limitadas aptidões da criatura diante da onisciência do criador. Mas sem jamais abandonar a confiança no sucesso da empreitada do conhecimento – desde que, claro, respeitadas as fronteiras das limitações humanas.

Assim, no ceticismo de John, verdadeiros filósofos dialogam, ao invés de somente polemizarem entre si. Tal logos não é apenas divino, pois se humaniza no reconhecimento de suas próprias imperfeições. E a filosofia deixa de ser uma atividade gratuitamente conflituosa, passando a ser exercida com alguma leveza – por que não alegria? –, como uma filosofia “capaz, desde os seus mesmos começos, de rir-se de si mesma”²²⁶.

Outra importante lição extraída do ceticismo de John of Salisbury decorre de sua aguda consciência dos limites do conhecimento humano, ligada à ideia de que todo o progresso pressupõe a multiplicação de opiniões e de pontos de vista diferentes entre si. É algo como um manifesto de defesa do direito político de livre expressão nos limites da arena do diálogo, do bem comum e do exercício de mútua tolerância.

A propósito, num contexto de antagonismos exacerbados, a exemplo do que parece ocorrer na atualidade, marcada por polarizações irreduzíveis, uma vez mais as próprias palavras de John of Salisbury oferecem alguma sabedoria, ao estimularem a busca pelo consenso intersubjetivo:

²²⁴ Tradução nossa da passagem em espanhol: “*Porque esto es lo que hay que buscar siempre con la lectura: que el hombre se haga cada vez mejor*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1984, p. 532). No original, em latim: “*Hoc enim lectione semper quaerendum est, ut homo se ipso melhor jugiter fiat.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber VII, Cap. X*, in *Op. cit.*, p. 659).

²²⁵ BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. *John of Salisbury*. *Op. cit.*, p. 34.

²²⁶ SILVA, Oswaldo P. de A. P. da. *Rumo ao ceticismo*. *Op. cit.*, pos. 5929, n.p.

No entanto, se ele investigar o assunto e refutar minha razão e minhas autoridades fictícias, as palavras do inimigo não me impedirão de fazer reparações. De fato, chamarei de amigo aquele que corrigir meus erros.²²⁷

Aliás, John of Salisbury se revela um pensador cujas reflexões deveriam obter ressonância especialmente em ouvidos brasileiros. Pois terá havido poucos momentos na história do País a rivalizar com períodos recentes, distinguidos por sinais de intolerância contra o exercício do pensar, notadamente nas humanidades, sobretudo na filosofia. Não apenas a biografia de John presta um testemunho iluminador contra o obscurantismo vigente, como também seus pensamentos oferecem coordenadas para se trilhar um caminho de liberdade crítica.

Por fim, merece registro uma lição profilática contra o risco sempre presente de se fazer do ceticismo uma caricatura. A fim de que não se o tome como um discurso meramente escapista, pelo qual se busca o alheamento de eventuais dilemas filosóficos ao abrigo de pretensa neutralidade, não é ocioso reafirmar que as características do ceticismo nas quais seus críticos enxergam degradação da filosofia são na verdade a própria exaltação cética do filosofar. Pois o que deseja o cético é impedir que a pesquisa cesse abruptamente, sucumbindo à tentação de se considerar possuidora da verdade. O cético não menospreza a filosofia; ele a enaltece e convida seus praticantes e demais curiosos a não abandoná-la de modo temerário ou por mera soberba.

O desafio cético, portanto – e suspeita-se que John of Salisbury não discordaria de tal conclusão –, reside na obtenção do fino ajuste de equilíbrio entre a persistência investigativa, o discernimento quanto ao perímetro de atuação racional e, claro, as necessárias modéstia, humildade e prudência epistêmica, manifestadas talvez na lúcida ignorância da seguinte passagem de Eclesiastes, citada pelo próprio John of Salisbury²²⁸:

Observei o conjunto da obra de Deus e percebi que o homem não consegue descobrir tudo o que acontece debaixo do sol. Por mais que o homem se afadigue em pesquisar, não chega a compreendê-la. E mesmo que o sábio diga que a conhece, nem por isso é capaz de entendê-la. (Ecl 8, 17)

²²⁷ Tradução nossa da passagem em inglês: “*Yet should he pursue investigation of the matter, and should he refute my reason and my fictional authorities, the words of the enemy shall not deter me from making amends. Indeed, I shall call friend whoever may correct my errors.*” (SALISBURY, J. *Policraticus*. *Op. cit.*, 1990, p. 7). No original, em latim: “*Procedat tamen et publicet, arguat meum ratione uel auctoritate mendacium, et ego uel ad inimici uocem non refugiam emendari; imo et amicum ducam, qui meus castigabit errorem.*” (IOANNES SARESBERIENSIS. *Polycraticus, Liber I, Prologus*, in *Op. cit.*, p. 388).

²²⁸ GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. *Op. cit.*, pp. 220 e 221.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de John of Salisbury

IOANNES SARESBERIENSIS. *Opera omnia*. Juxta Editionem Oxoniensem quam nuper ad fidem codicum mss. exegit Dr. J. A. Giles. [...]. Accurante J.-P. Migne. *Patrologia latina*, 199. Lutetiae Parisiorum vulgo *d'Enfer* nominatam seu Petit-Montrouge, Apud J.-P. Migne editorem, 1855. Turnhout, Brepols, 1855. 1996, cc. 1-1039. 598 p.

SALISBURY, J. *Policraticus*. Trad. Manuel Alcalá. Madrid: Editora Nacional, 1984.

SALISBURY, J. *Policraticus*. Trad. Cary J. Nederman. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Demais referências

ADAMSON, Peter. *Medieval Philosophy: a history of philosophy without any gaps*, v. 4. Oxford: Oxford University Press, 2019.

AGOSTINHO. *Contra os Acadêmicos*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2018. Edição Kindle.

ALT, Guido J. R. *Medieval Skepticism as a Historiographical Category*. In: PERI, v. 10, nº 1, setembro, 2018. pp. 122-132.

AMESBURY, Richard. “Fideism”. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2022 Edition), Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2022/entries/fideism/>>. Acesso em 22 de julho de 2022.

ANNAS, Julia; BARNES, Jonathan (ed.). *Sextus Empiricus: Outlines of Scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BENTO XVI, Papa. *Audiência Geral: 16 de dezembro de 2009: John of Salisbury*.

BETT, Richard (ed.). *The Cambridge companion to ancient scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BOLLERMANN, Karen; NEDERMAN, Cary J. “John of Salisbury”. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2022 Edition), Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2022/entries/john-salisbury/>>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

BOLYARD, Charles. “Medieval Skepticism”. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2021 Edition), Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/skepticism-medieval/>>. Acesso em 22 de julho de 2022.

BOLZANI FILHO, Roberto. *Acadêmicos versus Pirrônicos*. São Paulo: Alameda, 2013.

BOUDON, Raymond. *O relativismo*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BRITO, Rodrigo Pinto de; HUGUENIN, Rafael. *Sexto Empírico e as diferenças entre o Pirronismo e a filosofia dos Acadêmicos: Tradução de Esboços Pirrônicos 1.220-235*. Archai, 27, 2019.

BRITO, Rodrigo Pinto de. *Pirro e Índia, similaridades entre o Pirronismo e o Jainismo*. Alétheia - revista de estudos sobre Antiguidade e Medievo, v. 1/2, jan./jul., 2011, pp. 55-63.

_____. *Quadros conceituais do ceticismo anterior a Sexto Empírico*. Prometeus - filosofia em revista, Universidade Federal de Sergipe, ano 6, n. 12, jul./dez., 2013, pp. 121-136.

BROCHARD, Victor. *Os cétricos gregos*. Trad. Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

_____. *Pirro e o ceticismo primitivo*. Trad. Jaimir Conte. In: *Revista Litterarius*, v. 13, nº 1, 2014. pp. 1-16.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: as escolas helenistas, v. II*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018. Edição Kindle.

CLASSEN, Albrecht. *What do they mean for us today? Medieval Literature and Philosophy at the Ende of the Twentieth Century: Boethius, Abelard, John of Salisbury and Christine de Pizan*. Mediaevistik, v. 12, nº 3, Peter Lang AG, 1999, pp. 185-208.

COPLESTON, Frederick. *Filosofia Medieval: uma introdução*. Trad. Wilson Filho Ribeiro de Almeida. Curitiba: Livraria Danúbio Editora, 2017.

_____. *Uma história da filosofia, v. 1: Grécia, Roma e filosofia medieval*. Trad. Augusto Caballero Fleck, Carlos Guilherme e Ronald Robson. Campinas: Vide Editorial, 2021.

COSTA, Ricardo. *História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado*. In: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição nº 2, v.1, Outubro. 2007. pp. 2-15.

DENERY II, Dallas G. “*John of Salisbury, Academic Scepticism and Ciceronian Rhetoric*”. In: COPELAND, Rita. *The Oxford History of Classical Reception in English Literature, v. 1: 800-1558*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2016.

DIOGENES LAERTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama. 2ª ed., reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

ECHARD, Siân; ROUSE, Robert. JOHN OF SALISBURY. In: ECHARD, Siân; ROUSE, Robert. *The Encyclopedia of Medieval Literature in Britain*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2017.

ESTÊVÃO, J. C. *Afinal, para que serve Filosofia Medieval?*. Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, (17), 13-30, 2011.

GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GRELLARD, Christophe. *Jean de Salisbury et la renaissance médiévale du scepticisme*. Paris: Les Belles Lettres, 2013.

GRELLARD, Christophe; LACHAUD, Frédérique. *A Companion to John of Salisbury*. Leiden / Boston: Brill, 2014.

HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

HANKINSON, R. J.. *The Sceptics: The Arguments of the Philosophers*. New York / London: Routledge, 1995.

HASKINS, Charles Homer. *A Ascensão das Universidades*. Trad. Nilton Ribeiro. Santa Catarina: Livraria Danúbio Editora, 2015. Edição Kindle.

HEIDEGGER, Martin. *O que é isto: a filosofia?*. Trad. Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2018.

HYMAN, A.; WALSH, J. J.; WILLIAMS, T. *Philosophy in the Middle Ages: The Christian, Islamic and Jewish Traditions*. Indianapolis / Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc, 2010.

KLEIN, Daniel. *O livro do significado da vida*. Trad. Leonardo Abramowicz. São Paulo: Editora Gente, 2017. Edição Kindle.

KUZMINSKI, Adrian. *Pyrrhonism: How the Ancient Greeks reinvented Buddhism*. Lanham: Lexington Books, 2008.

LAGERLUND, Henrik. *Skepticism in Philosophy: A Comprehensive Historical Introduction*. New York / London: Routledge, 2020.

_____. *Rethinking the History of Skepticism: The Missing Medieval Background*. Leiden / Boston: Brill, 2010.

_____. *The Philosophy of Knowledge: a History, v. II - Knowledge in Medieval Philosophy*. London: Bloomsbury Academic, 2019.

LOQUE, Flávio Fontenelle. *Ceticismo e religião no início da modernidade: a ambivalência do ceticismo cristão*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MACHUCA, Diego; REED, Baron. *Skepticism: from antiquity to the present*. New York: Bloomsbury, 2018.

MARCONDES, Danilo. *A verdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014. Edição Kindle.

MARENBNON, John. *Medieval Philosophy: a very short introduction*. Oxford: OUP Oxford, 2016. Edição Kindle.

_____. *The Oxford Handbook of Medieval Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

_____. “Why study Medieval Philosophy”. In: VAN ACKEREN, Marcel; KOBUSCH, Theo and MÜLLER, Jörn. *Warum noch Philosophie?: Historische, systematische und gesellschaftliche Positionen*. Berlin / Boston: De Gruyter, 2011.

_____. “What should you know about Medieval Philosophy”. In: *The Philosophers’ Magazine Archive*, Disponível em: <<https://archive.philosophersmag.com/what-should-you-know-about-medieval-philosophy/>>. Acesso em 4 de março de 2022.

MAURER, Armand A. *Medieval Philosophy*. 2ª ed. Toronto, Ontario, Canada: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1982.

MCGRADE, A. S. *Filosofia Medieval*. Trad. André Oídes. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

MORA, José Ferrater. CHARTRE (ESCOLA DE). In: MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia, Tomo I (A-D)*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 442.

_____. JOÃO DE SALISBURY. In: MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia, Tomo II (E-J)*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 1594.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. *O que é Filosofia Medieval*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

NEDERMAN, Cary J. *A Duty to Kill: John of Salisbury's Theory of Tyrannicide*. *The Review of Politics*, v. 50, nº 3, Cambridge University Press for the University of Notre Dame du lac on behalf of Review Politics, 1988, pp. 365-389.

_____. “Beyond Stoicism and Aristotelianism: John of Salisbury’s Skepticism and Twelfth-Century Moral Philosophy”. In: BEJCZY, István P.; NEWHAUSER, Richard. *Virtue and Ethics in the Twelfth Century*. Leiden: Brill, 2005.

NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. *Gênese, significado e ensino da filosofia no século XII*. 2ª ed. Campinas: Kírion, 2020.

O’DALY, Irene. *John of Salisbury and the Medieval Roman Renaissance*. Manchester: Manchester University Press, 2018.

ORWELL, George. *Sobre a verdade*. Trad. Cláudio Alves Marcondes. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020. Edição Kindle.

PERREIAH, Alan. “Modes of Skepticism in Medieval Philosophy”. In: ANGELELLI, Ignacio and CERESO, María. *Studies on the History of Logic: Proceedings of the III. Symposium on the History of Logic*. Berlin / Boston: De Gruyter, 2020.

RUZ, Fidel Castro. *A história me absolverá*. Trad. Pedro Pomar. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SELLARS, John. *Hellenistic Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

SILVA, Lucas. D. *O Direito de Resistência Civil e o Tiranocídio em João de Salisbury*. Veritas (Porto Alegre), 64 (3), 2019.

SILVA, Oswaldo Porchat de Assis Pereira da. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2007. Edição Kindle.

SILVA FILHO, Waldomiro J.; SMITH, Plínio Junqueira (orgs.). *As consequências do Ceticismo*. São Paulo: Alameda, 2012.

SMITH, Plínio Junqueira. *A experiência do cético*. São Paulo: Scientiae Studia, 2020.

_____. *Ceticismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Edição Kindle.

_____. *Uma visão cética do mundo: Porchat e a filosofia*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. Edição Kindle.

VALENTE, Luisa. *Happiness, Contemplative Life and the tria genera hominum in Twelfth-Century Philosophy: Peter Abelard and John of Salisbury*. Quaestio: The Pleasure of Knowledge, nº 15, Turnhout: Brespols, 2015, pp. 73-98.

VASCONCELLOS, Manoel. *Filosofia Medieval: uma breve introdução*. Pelotas: NEPFIL online, 2014.

WILKS, Michael. *The World of John of Salisbury*. Oxford: The Ecclesiastical History Society by Blackwell Publishers, 1994.